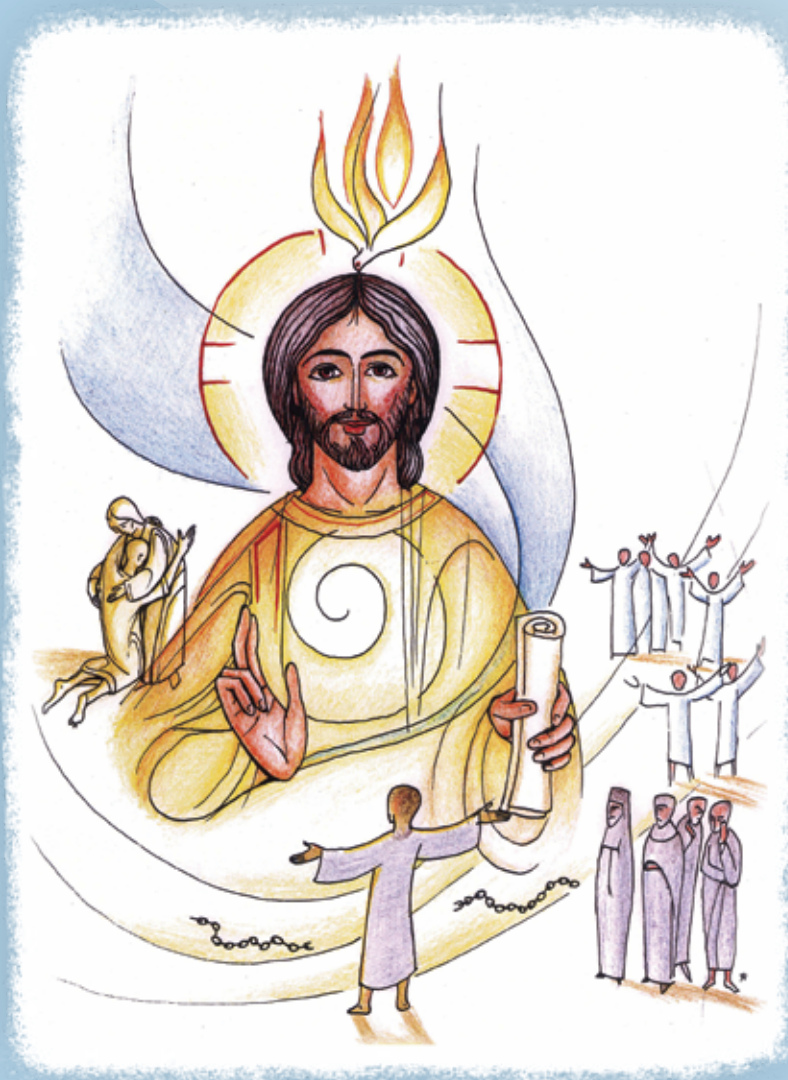


Renovação das paróquias e da Igreja



05

Deus na cidade

Cardeal Jorge

Mario Bergoglio (papa Francisco)

17

“Não tenhais medo!”

Da dificuldade de construir
a “nova paróquia”

Paulo Suess

27

Paróquia,
rede de comunidades
– a conversão pastoral

José Luiz Gonzaga do Prado

35

Grupos de rua:
espaço para o exercício
da colegialidade na Igreja

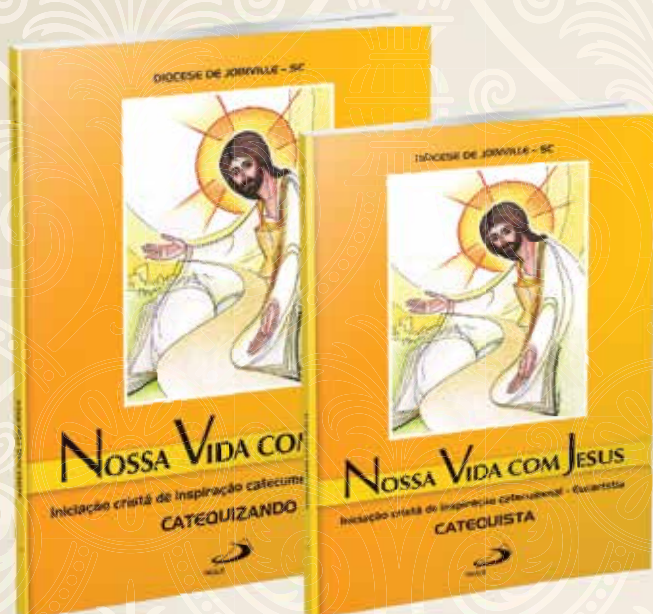
Manoel Godoy

43

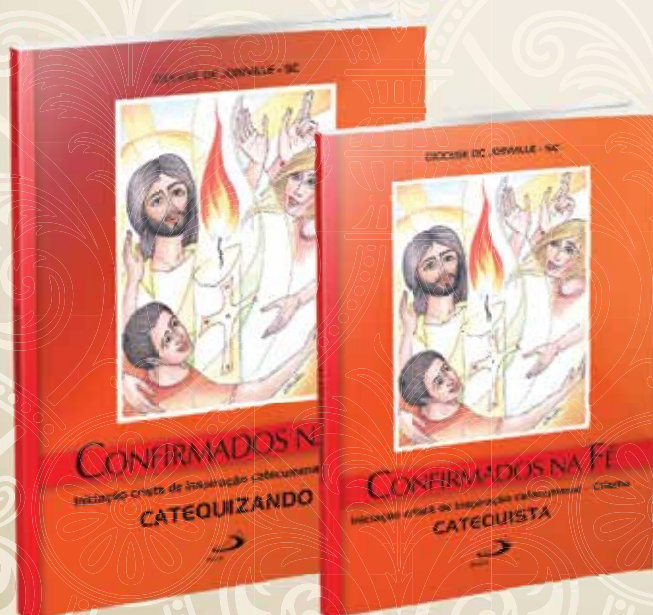
Roteiros Homiléticos

Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj

Em busca de uma **nova catequese** com inspiração catecumenal



Os manuais de catequese **Nossa vida com Jesus (Eucaristia)** e **Confirmados na fé (Crisma)** visam formar verdadeiros discípulos, conhecedores da Palavra, por meio de roteiro para encontros adaptados e elencados aos catequistas, segundo as necessidades e condições da faixa etária do catequizando e as orientações mais atuais da Igreja.



PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

A Igreja da América Latina tem feito, desde o Vaticano II e a Conferência de Medellín, forte esforço pela “conversão pastoral”, pela renovação de estruturas ultrapassadas, pela formação de redes de comunidades e de uma Igreja toda ministerial, com presença ativa dos leigos como ministros e agentes de pastoral não ordenados. A última assembleia da CNBB voltou-se para o tema da renovação da paróquia como comunidade de comunidades, e posteriormente foi publicado um estudo sobre ele. A próxima assembleia retomará esse tema, com as contribuições feitas com base no estudo, visando à publicação de um documento.

Como se poderá ver nos artigos, há significativas orientações nos documentos do magistério para a renovação das paróquias. Trata-se, portanto, de reforçar o processo já iniciado, aplicar e aproximar esses textos da realidade das comunidades e deixar que as pessoas possam participar ativamente, dando sua colaboração, e, como Igreja, líderes, pastores, ouvir e olhar, favorecer que a realidade e os anseios de mudança venham à tona.

Uma das contribuições mais marcantes do Concílio Vaticano II diz respeito ao exercício do poder na Igreja. O documento *Lumen Gentium* aponta para a possibilidade de o poder ser exercido de forma colegial. Logo após o concílio, as formas colegiadas ganharam vigor e muitas experiências bonitas aconteceram. Percebe-se a necessidade de ampliar a colegialidade, dar-lhe mais força e criar conselhos onde eles ainda não foram criados. Prescindir de formas monárquicas de Igreja, de estruturas concentradas nas mãos de um só, e converter-se a uma Igreja de participação efetiva. Em seu discurso aos bispos dirigentes do Celam durante a última JMJ, o papa Francisco falava de quanto estamos atrasados nisso e quanta dificuldade há. Referiu-se à

sua realidade como arcebispo de Buenos Aires, em que apenas cerca de metade das paróquias havia criado conselhos, apesar do incentivo.

Para que o processo de renovação continue e se amplie, é preciso ajudar o povo a se tornar sujeito e favorecer que a Igreja seja comunidade de comunidades, reunião de pequenos grupos de dimensões humanas, onde as pessoas se conhecem, se estimam e se tornam participantes ativas, e não meras espectadoras frias ou público para os sacramentos. Pode-se começar pela formação de pequenos grupos espontâneos, bem como pela valorização de experiências bem-sucedidas de criação de comunidades cristãs na realidade histórica recente da América Latina. Comunidades que não sejam apenas filiais dependentes da estrutura burocrática e centralizadora das paróquias.

Os padres têm sido bastante instados a “sair” das paróquias e ir ao encontro das pessoas, uma vez que a diminuição do número de católicos é atribuída, em parte, ao fechamento da Igreja nas paróquias, estabelecidas nos lugares de sempre, com dificuldade de mobilidade para as periferias. Realmente falta missionariedade. Mas não esqueçamos que o número de padres é insuficiente e que uma pesquisa da International Stress Management Association publicada recentemente na imprensa revelou que padres e freiras brasileiros estão entre as categorias mais estressadas. Se, por um lado, pode haver certo comodismo, por outro, há excesso de trabalho para pouca gente, assim como pode haver estresse demais por conta de estruturas pouco eficazes. Não nos esqueçamos ainda da quantidade de comunidades sem eucaristia porque não há padres. Então é preciso renovar as paróquias, mas é preciso pensar e agir também para a renovação do modelo de ministério ordenado, da qual até o Vaticano II teve dificuldade de tratar.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Editora	PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor	Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor	Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial	Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Abramo Parmeggiani, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Manoel Quinta, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin
Ilustrações	Pe. Otávio Ferreira Antunes
Editoração	Fernando Tangi

Assinaturas	assinaturas@paulus.com.br (11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011 Rua Francisco Cruz, 229 Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação	© PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 1809-2071 vidapastoral@paulus.com.br www.paulus.com.br www.paulinos.org.br vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus editora. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Av. 7 de Setembro, 80
Rel. de S. Pedro
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluiz@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Paulinos, rumo ao centenário



**Pe. Valdir José de Castro, ssp
Provincial**

O ano de 2014 é significativo para os Paulinos, a Paulus e a Família Paulina (ramos fundados por padre Alberione). É o ano do centenário de sua presença no mundo, atuando na cultura da comunicação. Fundada em Alba, Itália, pelo bem-aventurado Tiago Alberione no dia 20 de agosto de 1914, com a missão específica de difundir a boa imprensa, a Pia Sociedade de São Paulo – congregação religiosa dos padres e irmãos paulinos e razão social da Paulus –, sob a direção do próprio fundador, assumiu progressivamente a atual imagem, segundo a qual é vista empenhada na difusão da cultura religiosa e humanística pelas mídias impressas, audiovisuais e digitais.

Já no início da década de 1960, Tiago Alberione dava-se conta da importância dos meios de comunicação como lugar de propagação, na sociedade, dos valores humanos e cristãos. Chegou a afirmar que, quando esses meios do progresso humano são utilizados para a evangelização, recebem uma consagração, são elevados à dignidade máxima. A sala de redação, as dependências da parte técnica, as livrarias tornam-se igreja e púlpito. Quem trabalha com tais meios, declarou, desfruta da dignidade de apóstolo.

Chamada a evangelizar a sociedade contemporânea com o coração universal do apóstolo Paulo, a Paulus acredita que o anúncio da

mensagem de Jesus Cristo está intimamente ligado ao trabalho de humanização que leva à promoção da cultura da vida. Confiar que a humanização da sociedade é a primeira condição para evangelizá-la.

Por isso, nos 30 países onde está presente, a Paulus assume, como metas principais de sua missão, a promoção da dignidade humana em todas as suas dimensões, da justiça social, da fraternidade universal, do diálogo inter-religioso, do progresso integral de cada povo e pessoa, da paz e da autêntica comunicação.

No Brasil, a Paulus exerce o trabalho de evangelização desde 1931, por meio da produção de livros impressos e digitais, revistas e folhetos litúrgicos, CDs e DVDs, além de seus sites. Todo esse material, que abrange as áreas de Bíblia, teologia, filosofia, espiritualidade, literatura infantojuvenil, comunicação, sociologia, saúde, pode ser encontrado nas 29 livrarias espalhadas por todo o país. Desde 2005 a Paulus atua também na preparação de profissionais no campo da comunicação social, com a Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom), localizada na cidade de São Paulo.

Por esses e muitos outros motivos, a Paulus deseja celebrar os 100 anos com alegria e gratidão a Deus por sua ação neste longo caminho e também a todas as pessoas, os destinatários de sua missão, que não só usufruem dos seus produtos, mas também a animam e incentivam a seguir em frente.

PROGRAMAÇÃO COMPLETA PARA

2014!



Cada Paulus / A Paulus se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

- 1 - Calendário Parede "Santos" • R\$ 11,00
- 2 - Calendário Parede "Paisagens" • R\$ 11,00
- 3 - Calendário "Mensagens Dízimo" (parede ou mesa) • R\$ 9,50
- 4 - Calendário "Mensagens" (parede ou mesa) • R\$ 9,50
- 5 - Calendário de mesa • R\$ 13,00
- 6 - Calendário "Bíblico" • R\$ 4,50
- 7 - Calendário "Dízimo" • R\$ 4,50
- 8 - Calendário "Variedades" • R\$ 4,50
- 9 - Liturgia da Palavra de Cada Dia Ano A Pequena (Cor) • R\$ 1,00

- 10 - Liturgia da Palavra de Cada Dia Ano A Grande (Cor) • R\$ 2,20
- 11 - Liturgia da Palavra de Cada Dia Ano A Pequena (PB) • R\$ 0,50
- 12 - Liturgia da Palavra de Cada Dia Ano A Grande (PB) • R\$ 1,80
- 13 - Agenda Catequética • R\$ 5,50
- 14 - Agenda de Planejamento Pequena • R\$ 2,00
- 15 - Agenda de Planejamento Grande • R\$ 2,50
- 16 - Agenda Litúrgica de Planejamento • R\$ 2,50
- 17 - Agenda de mesa luxo - Preta/Creme • R\$ 25,00

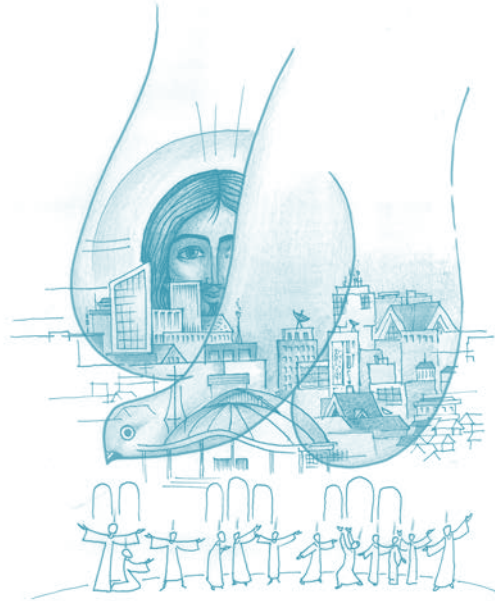
PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br
SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br





Deus na cidade

Cardeal Jorge Mario Bergoglio (papa Francisco)

Deus vive na cidade, e a Igreja vive na cidade. A missão não se opõe a ter de aprender da cidade – de suas culturas e de suas mudanças – ao mesmo tempo que saímos a pregar o evangelho. Isso é fruto do próprio evangelho, que interage com o terreno no qual cai como semente. Não somente a cidade moderna é um desafio, mas bem mais o foram, o são e o serão toda cidade, toda cultura, toda mentalidade e todo coração humano.

Palavras iniciais no Primeiro Congresso Regional de Pastoral Urbana da região eclesial e pastoral de Buenos Aires. Texto publicado na coletânea de Conferências do Congresso intitulada *Dios en la Ciudad* (Buenos Aires, San Pablo, 2012). Tradução: Pe. Antônio Lúcio da Silva Lima, ssp

Com olhar de crente e de pastor

Quando rezo pela cidade de Buenos Aires, agradeço o fato de que seja a cidade em que nasci. O carinho que brota de tal familiaridade ajuda a encarnar a universalidade da fé que abraça a todas as pessoas de toda cidade. Ser cidadão de uma grande cidade é algo muito complexo hoje em dia, já que os vínculos de raça, história e cultura não são homogêneos e os direitos civis tampouco são plenamente partilhados por todos os habitantes. Na cidade, há muitíssimos “não cidadãos”, “cidadãos pela metade” e “sobrantes”: ou porque não gozam de plenos direitos – os excluídos, os estrangeiros, as pessoas sem documentos, os jovens sem escolaridade, os anciãos e enfermos sem plano de saúde –, ou porque não cumprem com seus deveres. Nesse sentido, o olhar transcendente da fé que leva ao respeito e ao amor ao próximo ajuda a “escolher” ser cidadão de uma cidade con-



creta e a pôr em prática atitudes e comportamentos que criam cidadania.

O olhar que quero partilhar com vocês é o de um pastor que busca aprofundar-se em sua experiência de crente, de homem que crê que “Deus vive em sua cidade”.¹ Em seu *Sermão sobre os pastores*, santo Agostinho distinguia duas coisas: a primeira é que somos cristãos, e a segunda, que somos bispos.

Ao nos situarmos diante da cidade moderna, com seus imaginários sociais tão diversos, pode ajudar esse exercício de distinguir olhares. Não para deixar de olhar como pastor para o rebanho que nos foi encomendado, mas para aprofundar-se nesse olhar de fé simples que o Senhor tanto gostava de encontrar, sem que lhe importasse raça, cultura ou religião. Porque o olhar de fé descobre e cria a cidade.

Jesus na cidade

As imagens do evangelho que mais me agradam são as que mostram o que Jesus suscita nas pessoas quando se encontra com elas na rua. A imagem de Zaqueu, que, ao inteirar-se de que Jesus entrou em sua cidade, sente despertar o desejo de vê-lo e corre para subir na árvore. A fé fará que Zaqueu deixe de ser um “traidor”, a serviço próprio e do império, e passe a ser cidadão de Jericó, estabelecendo relações de justiça e solidariedade com seus concidadãos. A imagem de Bartimeu, que, quando o Senhor lhe concede a graça desejada – “Senhor, que eu veja” –, o segue pelo caminho. Pela fé, Bartimeu deixa

de ser um marginal jogado à beira do caminho e se converte em protagonista da própria história, caminhando com Jesus e o povo que o seguia. A imagem da hemorroíssa, que lhe toca o manto no meio de uma multidão que apertava o Senhor por todos os lados e atrai seu olhar respeitoso e cheio de carinho. Por meio da fé, a hemorroíssa se inclui em uma sociedade que

discrimina as pessoas por certas enfermidades consideradas impuras.

São imagens de encontros fecundos. O Senhor simplesmente “passa fazendo o bem”. As pessoas ficam maravilhadas ao ver o que há no coração de tantos que, excluídos pela sociedade e ignorados por

muitos, ao entrar em contato com o Senhor se enchem de vida plena, e essa vida cresce integralmente, melhorando a vida da cidade.

Em sintonia com o evangelho, a afirmação feliz de Aparecida: “A fé nos ensina que Deus vive na cidade” é uma resposta de fé diante do desafio imenso que representam as cidades atuais. Leva-nos a querer “recomeçar a partir do encontro com Cristo”,² e não a partir de modelos urbanos e culturais. Como dizia em “O sacerdote e a cidade”,³ Aparecida constata uma mudança de paradigma na relação entre o sujeito cristão e as culturas que se elaboram nesses grandes laboratórios que são as cidades modernas: “O cristão de hoje não se encontra mais na linha de frente da produção cultural, mas recebe sua influência e

“A pastoral urbana é um bom exemplo do esforço de Aparecida para encontrar o tom evangélico para olhar a realidade.”

¹ Documento de Aparecida, n. 514.

² Cf. DAp 12.

³ Cf. Jorge Maria Bergoglio. *El sacerdote en la ciudad a la luz del Documento de Aparecida*. San Isidro, 18 maio 2010.



seus impactos”.⁴ As tensões que a análise das ciências nos põe diante dos olhos podem causar medo e sentimentos de impotência pastoral. Entretanto, a certeza de que Deus vive na cidade nos enche de confiança, e a “esperança da Cidade Santa que desce do céu”⁵ nos infunde coragem apostólica. Como a Zaqueu, a boa notícia de que o Senhor entrou na cidade nos dinamiza e nos faz sair à rua.

O tom de Aparecida para olhar “a pastoral urbana”

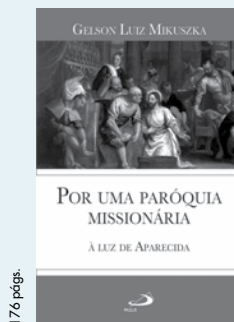
A parte “A pastoral urbana” é um bom exemplo do esforço de Aparecida para encontrar o tom evangélico para olhar a realidade. Se alguém reler os cinco primeiros pontos, nota-se um intento de olhar mais sociológico, por assim dizer. Ressoam primeiro a mudança de paradigma e a complexidade da cultura plural (509), as novas linguagens (510), as complexas transformações socioeconômicas, culturais, políticas e religiosas (511), as diferenças sociais, as tensões desafiadoras: tradição-modernidade, globalidade-particularidade, inclusão-exclusão... (512). Porém, sucede algo curioso: o desenvolvimento dessa linguagem tem um ponto de inflexão no parágrafo seguinte. É como se se tratasse de tomar ar diante de tanta complexidade: valoriza-se, então, o passado (“a Igreja em seus inícios se formou nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar”) e se assinalam experiências de renovação. A impressão é que estas são “pouca coisa” diante da magnitude das mudanças descritas anteriormente. O texto quer convidar à alegria e à valentia, entretanto surge a palavra “medo em relação à pastoral urbana”: tendências a fechar-se, a estar na defensiva, sentimentos de impotência diante das

4 DAp 509.

5 DAp 515.

Por uma paróquia missionária à luz de Aparecida

Gelson Luiz Mikuszka



176 págs.

Foram reavivados, neste livro, alguns debates surgidos na Conferência de Aparecida, desafiando a Igreja na América Latina. Então, cada Igreja local foi chamada a renovar urgentemente a paróquia, inspirando o padre Gelson a elaborar estudos e reflexões sobre o assunto.

Viver em comunidade para a missão

José Lisboa Moreira de Oliveira



118 págs.

O livro analisa a vida fraterna em comunidade, evidenciando os riscos do comunitarismo, do sentido e do significado de uma comunidade para a missão e a vocação apostólica das comunidades de vida consagrada.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



grandes dificuldades das cidades (513).

Vêm então os três pontos seguintes em que o tom da linguagem muda notavelmente. O ponto 514 é um pequeno hino de fé, uma espécie de salmo no qual a cidade brilha como lugar de encontro. Escutemos como soa:

“A fé nos ensina que Deus
vive na cidade,
no meio de suas alegrias,
desejos e esperanças,
como também em suas
dores e sofrimentos.
As sombras que marcam
o cotidiano das cidades,
violência, pobreza, individualismo
e exclusão,
não podem impedir-nos que busquemos
e contemplemos o Deus da vida
também nos ambientes urbanos.
As cidades são lugares de liberdade
e oportunidade.
Nelas as pessoas têm a possibilidade de
conhecer mais pessoas,
interagir e conviver com elas.
Nas cidades, é possível experimentar
vínculos de fraternidade, solidariedade e
universalidade.
Nelas o ser humano é chamado a
caminhar
sempre mais ao encontro do outro,
conviver com o diferente,
aceitá-lo e ser aceito por ele”.

O tom mudou e faz com que mude o olhar. Ressoa aqui a pergunta que se fazia e nos fazia o papa em seu discurso inaugural: “O que é a realidade sem Deus?”.⁶ A mesma pergunta nós podemos fazer com relação à cidade: o que é a cidade sem Deus? Sem um ponto de referência fundamental e absoluto (ao menos bus-

cado), a realidade da cidade se fragmenta e se dilui em mil particularidades sem história e sem identidade. Em que termina um olhar sobre a cidade se não se centra em uma fé aberta ao transcendente? Para ver a realidade, faz falta um olhar de fé, um olhar crente. Senão, a realidade se fragmenta.

Aparecida assumiu esse desafio ao privilegiar um “olhar de discípulos missionários sobre a realidade” (Dap 19-32) que centra todos os demais olhares:

Necessitamos, ao mesmo tempo, que nos consuma o zelo missionário para levar ao coração da cultura de nosso tempo (e a cultura pulsa e se elabora nas cidades) aquele sentido unitário e completo da vida humana que nem a ciência, nem a política, nem a economia, nem os meios de comunicação poderão proporcionar-lhe. Em Cristo Palavra, Sabedoria de Deus (cf. 1Cor 1,30), a cultura (e cada cidade) pode voltar a encontrar seu centro e sua profundidade, a partir de onde é possível olhar a realidade no conjunto de todos os seus fatores, discernindo-os à luz do evangelho e dando a cada um seu lugar e sua dimensão adequada (Dap 41).

O parágrafo seguinte é um canto à esperança. O olhar sobre a Cidade Santa que desce do céu instala a ideia de proximidade e de acompanhamento. Nosso Deus é um Deus que armou sua tenda de campanha entre nós (515).

O último parágrafo é um esboço de hino à caridade, no qual o serviço da Igreja é fermento que transforma e realiza a Cidade Santa na cidade atual (516).

Desta maneira, os pontos 517-518, que constituem longa lista de concretizações pastorais, escrevem-se em um tom propo-

⁶ Bento XVI, Discurso inaugural, n. 3.



sitivo e de recomendação. Explicitamente se mudou o tom, já que na primeira redação se dizia “optamos por” uma pastoral urbana que... Na redação final, ficou: “a conferência propõe e recomenda” uma nova pastoral urbana que... saia ao encontro, acompanhe, seja fermento.

Imaginário teológico cristão para a cidade

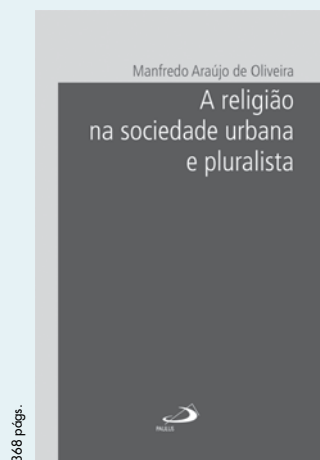
Neste tom de consolação, surgiram as categorias de encontro, acompanhamento e fermento que Aparecida nos propõe para sair às ruas da cidade atual. As consequências pastorais dessas atitudes e de outras aparecerão nas diferentes apresentações deste congresso. Quero agora dar um passo adiante – em uma espécie de réplica existencial e espiritual – para aprofundar-me no efeito que tais atitudes produzem em nosso olhar, em nosso imaginário teológico. Se é verdade que se passou de um sujeito cristão cujo olhar estava “por cima” da cidade, modelando-a, a um sujeito imerso na amálgama da hibridação cultural e suscetível a suas influências e impactos, é necessário re conectar-nos com o “específico cristão” para poder dialogar com todas as culturas: com uma cultura cristã, inspirada na fé, cuja estrutura de valores faz-nos sentir em casa; com uma cultura pagã, cujos valores se podem discernir com certa clareza; e com uma cultura híbrida e múltipla, como a que se gesta agora, que requer maior discernimento.

Ser povo e construir cidades são coisas que caminham juntas; e ser povo de Deus e habitar na cidade de Deus também. Nesse sentido, o imaginário teológico pode ser levedura para todo o imaginário social.

Já no Êxodo, no povo peregrino e em formação, cada acampamento tem em si o germe de uma cidade; e a promessa da terra que emana leite e mel se concretiza

A religião na sociedade urbana e pluralista

Manfredo Araújo de Oliveira



A análise do fenômeno religioso é um elemento imprescindível, para compreensão adequada das sociedades da modernidade tardia. O religioso se tornou um componente essencial da cena geopolítica mundial.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





no Apocalipse, escatologicamente, na cidade santa, a Jerusalém celeste que desce do céu.

As imagens reveladas da cidade prometida (a terra prometida) e da cidade apresentada (que desce do céu como uma noiva) respondem aos anseios sempre operantes em todo imaginário social humano, operantes na construção da cidade, e os dinamizam.

Também as imagens do sonho truncado de Babel – a cidade autossuficiente que chega ao céu – e da anticidade consolidada que se estende na terra – Babilônia – expressam (e, se quisermos, ajudam a exorcizar) os medos e angústias do ser humano ao sentir que participa da construção da anticidade que o devora.

As imagens mais fecundas que o imaginário evangélico oferece a todo imaginário social são as imagens do Reino dos céus. Seus cidadãos não o defendem com armas (como disse Jesus a Pilatos); ao vivê-lo como puro dom (como tesouro no meio de um campo), partilham com todos seus benefícios (os ramos da árvore que foi um pequeno grão de mostarda são cobiçados por todos os pássaros do céu, e o convite ao banquete de casamento se estende aos pobres e excluídos); o trabalho na vinha dignifica a todos igualmente, e as relações de perdão de dívidas e de produzir cada um o melhor de si (parábola dos talentos) fecundam os anseios cidadãos mais profundos.

Neste ponto, estou convencido de que nos aprofundar no imaginário evangélico da cidade, para propô-lo em toda sua riqueza à cidade atual, é um serviço que prestamos e que pode ampliar a esperança comum partilhada com todos os que habitam nossa cidade e motivar um agir comum presidido pela caridade.

Olhares que iluminam e olhares que obscurecem a cidade

Como se vê, já desde o ponto de partida se concebe “o específico cristão” como “levedura que já está fermentando a massa”. Isso é o mesmo que sentir-nos “prensados” por um Deus que já está vivendo na cidade, mesclado vitalmente com todos e com tudo. É uma reflexão que nos surpre-

ende sempre já com as mãos na massa, comprometidos com a situação do ser humano concreto tal como se apresenta, envolvidos com todos os seres humanos em uma única história de salvação.

Nada, portanto, de propostas ilustradas, rupturistas, assépticas, que partem do zero, que tomam distância para “pensar” como se teria de fazer para que Deus vivesse em uma cidade sem Deus. Deus já vive em nossa cidade e nos impele – enquanto refletimos – a sair ao seu encontro para descobri-lo, para construir relações de proximidade, para acompanhá-lo em seu crescimento e encarnar o fermento de sua Palavra em obras concretas. O olhar de fé cresce cada vez que pomos em prática a Palavra. A contemplação melhora no meio da ação. Agir como bons cidadãos – em qualquer cidade – melhora a fé. Paulo recomendava desde o começo ser bons cidadãos (cf. Rm 13,1). É a intuição do valor da inculturação: viver profundamente o humano, em qualquer cultura, em qualquer cidade, melhora o cristão e fecunda a cidade (ganha-lhe o coração).

O pastor que olha para sua cidade com a luz da fé combate a tentação do “não olhar”, do “não ver”. O não ver, que o Senhor reprova com tanta insistência no evangelho, apresenta muitas

**“O pastor que olha
para sua cidade com
a luz da fé combate a
tentação do ‘não olhar’,
do ‘não ver’”.**



formas: a cegueira pertinaz dos escribas e fariseus, o deslumbramento não só diante “das luzes do centro”, como diz o tango,⁷ mas também da mesma revelação com que são tentados os apóstolos “sob aparência de bem”,⁸ também o não olhar dos que “passam a distância”... Porém, há um nível mais básico desse “não olhar”. É difícil categorizá-lo, porém se pode descrevê-lo. Em alguns discursos, entrevê-se que a perspectiva brota de uma espécie de “niveação de olhares”, se me é permitido falar assim. O olhar de fé não é valorizado existencialmente como dom de Deus ao ser humano que se situa na fronteira da existência para ser olhado e olhar o Deus vivo, mas se considera o olhar de fé como “resultado”, por assim dizer, como “o que já se falou sobre algum tema em algum documento”. Esse olhar de fé é confrontado com os olhares da ciência ou dos meios e quase imediatamente é catalogado de “antiquado” ou “não atualizado” diante do olhar de alguma ciência que mostra coisas novas. Neste olhar, quem fala ou escreve situa a si mesmo em uma espécie de lugar privilegiado a partir de onde “objetiva” a postura tradicional e o novo paradigma.

É verdade que todo olhar e refletir têm um caráter comparativo, porém o ponto-chave é se existe vontade de “ruptura” ou, como disse Bento XVI, falando das interpretações do Concílio Vaticano II, vontade de “renovação na continuidade de um único sujeito que

7 “Um dia distante / se foi minha esperança! / As luzes do centro, / imã de loucuras, / levaram suas ânsias por mil desventuras! / Talvez uma noite detenha sua marcha / o trem das onze, e volte meu amor!” (“O trem das onze”).

8 Pedro desafiando o Senhor após tê-lo confessado como Messias, os irmãos filhos do trovão querendo que chova fogo sobre a cidade que não recebe o Senhor...

Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino **Introdução, Lógica, Cosmologia - Vol. 1**

Henri-Dominique Gardeil



472 pág.

Esta obra de Henri-Dominique Gardeil, ainda hoje, conserva todo o frescor graças aos magníficos textos de São Tomás, cuidadosamente traduzidos e disponibilizados simultaneamente em seu teor latino original.

Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino **Psicologia, Metafísica - Vol. 2**

Henri-Dominique Gardeil



544 pág.

O livro mostra que o estudo da alma, em Aristóteles, é parte integrante da investigação física, na qual ele se inscreve como uma espécie de introdução para a biologia.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



cresce e se desenvolve permanecendo sempre o mesmo”.⁹

Em termos de vida, poderíamos dizer que o “não olhar” é o de um sujeito “abstrato” (não vivo) que olha coisas abstratas a partir de paradigmas abstratos. Por outro lado, o olhar de fé é o de um sujeito vivo – o povo de Deus a caminho, como disse o papa –, que olha eclesialmente realidades viventes no meio das quais Deus vive também.

O que quero dizer é que os “não olhares” são de “não sujeitos”, e a cidade, da mesma forma que a Igreja, necessita de olhares de sujeitos (eclesiais e cidadãos, segundo o caso).

Como podemos estar seguros de que o olhar de fé não cai na mesma coisa que criticamos? Creio que não se pode valorizar esse olhar *a priori*, o qual só se justifica por seus frutos. Carece do impacto midiático das hermenêuticas rupturistas, porém dá fruto a longo prazo. Que frutos?

**“A esperança nos livra
dessa força centrípeta
que leva o cidadão atual
a viver isolado dentro da
grande cidade, esperando
o *delivery* e conectado só
virtualmente.”**

Em primeiro lugar, os atos de fé acrescentam e melhoram a própria fé. Ao mesmo tempo, ajudam a discernir e rechaçar várias tentações.

Pode-se dizer que o olhar de fé nos leva a sair cada dia e sempre mais ao encontro do próximo que habita na cidade. Leva-nos a sair ao encontro porque esse olhar se alimenta na proximidade. Não tolera a distância, pois sente que a distância desfaz o que deseja ver; e a fé quer ver para servir e amar, não para constatar ou dominar. Ao sair à rua, a fé limita a avidez do olhar dominador e a cada próximo concreto, ao que olha com desejos de servir, ajuda a focalizar melhor seu “objeto próprio e amado”, que é Jesus Cristo vindo em carne. Aquele que diz que crê em

Deus e “não vê” o seu irmão se engana.

As melhoras na fé nesse Deus que vive na cidade renovam a esperança de novos encontros. A esperança nos livra dessa força centrípeta que leva o cidadão atual a viver isolado dentro da grande cidade, esperando o *delivery* e conectado só virtualmente. O crente que olha com a luz da esperança combate a tentação de não olhar, que se dá por viver cercado de muros nos bastiões da própria nostalgia ou pela sede de apenas curiosar. O seu não é o olhar ávido do “vamos ver o que aconteceu hoje” nas notícias. O olhar esperançoso é como o do Pai misericordioso que sai todas as manhãs e as tardes ao terraço de casa para ver se o seu filho pródigo regressa e, apenas o avista de longe, corre-lhe ao encontro e o abraça. Nesse sentido, o olhar de fé, uma vez que se alimenta de proximidade e não tolera a distância, tampouco se sacia com o momentâneo e o

9 “Tudo depende da justa interpretação do concílio – ou como diríamos hoje –, de sua justa hermenêutica, da justa chave de leitura e aplicação. Os problemas da recepção nasceram do fato de que duas hermenêuticas contrárias se encontraram, se confrontaram e entraram em litígio. Uma causou confusão, a outra, silenciosamente, porém sempre mais visivelmente, deu frutos. Por um lado, existe uma interpretação que gostaria de denominar ‘hermenêutica da descontinuidade ou ruptura’; ela não raramente foi endossada pela simpatia dos *mass-media* e também por uma parte da teologia moderna. Por outro lado, está a ‘hermenêutica da reforma’, da renovação da continuidade do único sujeito da Igreja, que o Senhor nos deu; é um sujeito que cresce no tempo e se desenvolve permanecendo sempre o mesmo, único sujeito do povo de Deus a caminho”. Como diz Scola, o papa não opõe “descontinuidade-continuidade” ou “ruptura-continuidade”, senão que fala de descontinuidade e rupturas versus “hermenêutica da reforma” ou renovação na continuidade do único sujeito-Igreja, especificado como “povo de Deus a caminho” (A. Scola, “Credo eclesiam”, em *Communio* 1, p. 555, outono 2011).



conjuntural e por isso, para ver bem, se envolve nos processos que são próprios de tudo o que é vital. O olhar de fé, ao envolver-se, age como fermento. Como os processos vitais requerem tempo, acompanha. Salva-nos da tentação de viver neste tempo “fragmentado” próprio da pós-modernidade.

Se partirmos da constatação de que a anticultura cresce com o não olhar, que a maior exclusão consiste em nem sequer “ver” o excluído – o que dorme na rua não é visto como pessoa, mas como parte da sujeira e abandono da paisagem urbana, da cultura do descarte, do “despejo” –, a cidade humana cresce com o olhar que “vê” o outro como concidadão. Nesse sentido, o olhar de fé é fermento para um olhar cidadão. Por isso, podemos falar de um “serviço da fé”: de um serviço existencial, testemunhal, pastoral.

Olhar que inclui sem relativizar

Por acaso estou dizendo que a fé, por si só, melhora a cidade? Sim, no sentido de que somente a fé nos liberta das generalizações e abstrações de um olhar ilustrado que somente dá como frutos mais ilustrações. A proximidade, o “envolvimento” e o sentir como o fermento faz crescer a massa leva a fé a desejar melhorar o que é próprio seu, o específico cristão: para poder ver *indivise et inconfuse* o outro, o próximo, a fé deseja “ver Jesus”. É um olhar que, para incluir, se limita e clarifica a si mesmo.

Se nos situarmos no âmbito da caridade, podemos dizer que esse olhar nos salva de ter de relativizar a verdade para poder incluir. A cidade atual é relativista: tudo é válido, e quiçá caíamos na tentação de, para não discriminar, para incluir a todos, às vezes sentirmos ser necessário “relativizar” a verdade. Não é assim. O nosso Deus que vive na cidade e se envol-

A arte de conviver Um olhar inclusivo

Dr. Roberto Federico Ré / Maria
Guadalupe Buttera



Este livro reflete sobre o viver e conviver. Viver com os outros não só é um desafio, como também uma aprendizagem significativa, que interpela nossas múltiplas inteligências, emoções, sentimentos, apegos, aceitações.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ve em sua vida cotidiana não discrimina nem relativiza. Sua verdade é a do encontro que descobre rostos, e cada rosto é único. Incluir pessoas com rosto e nome próprios não implica relativizar valores nem justificar antivalores, e sim que não discriminar e não relativizar implica ter fortaleza para acompanhar processos e a paciência do fermento que ajuda a crescer. A verdade de quem acompanha é mostrar caminhos para a frente, mais que julgar encerramentos passados.

O olhar do amor não discrimina nem relativiza, porque é misericordioso. A misericórdia cria a maior proximidade, que é a dos rostos, e, como quer ajudar de verdade, busca a verdade que mais dói – a do pecado –, porém para encontrar o remédio verdadeiro. Esse olhar é pessoal e comunitário. Traduz-se na agenda, marca tempos mais lentos que os das coisas (aproximar-se de um enfermo requer tempo) e gera estruturas acolhedoras e não expulsivas, coisa que também exige tempo.

O olhar de amor não discrimina nem relativiza porque é olhar de amizade. Os amigos são aceitos pelo que são e a eles se diz a verdade. É também um olhar comunitário. Leva a acompanhar, a somar, a ser um a mais ao lado dos outros cidadãos. Esse olhar é a base da amizade social, do respeito pelas diferenças, não somente econômicas, mas também ideológicas. É também a base de todo o trabalho do voluntariado. Não se pode ajudar a quem está excluído se não se criam comunidades inclusivas.

O olhar do amor não discrimina nem

relativiza porque é criativo. O amor gratuito é fermento que dinamiza tudo o que é bom e o melhora, e transforma o mal em bem, os problemas em oportunidades. O pastor que olha com olhar de ágape descobre as potencialidades ativas na cidade e cria empatia por elas, fermentando-as com o evangelho.

Essas três propriedades do olhar e do agir do pastor não são fruto de uma descrição piedosa, mas de um discernimento que provém do “objeto” (se nos é permitido falar assim, já que o Senhor ressuscitado é muito mais que um objeto) que contemplamos e da pessoa a quem servimos. Um

Deus vivo no meio da cidade requer aprofundamento no caminho deste olhar que propomos.

Não é como um olhar ao umbigo o “olhar como olhamos”. Porque a cidade, como os desertos, produz miragens. Com a melhor intenção, pode ser que nos enganemos. A fé sempre se vê desafiada a superar miragens. Já nos desenganamos (alguns quicá demasiadamente) das miragens das ideologias políticas, de olhar não apenas as cidades, mas também todo o continente, a partir de ideologias que propunham caminhos rápidos para conseguir a justiça. O preço foi a violência e uma desvalorização da política que só recentemente está começando a reverter-se.

Hoje há outras miragens. Talvez por contraposição temporal se pode discernir sua raiz. Se as miragens políticas exigem um passo rápido à ação, as miragens ilustradas bem mais “retardam”. O ponto aqui é se a teoria se torna tão complicada, que, em vez de suscitar “saídas apostóli-

“A maior exclusão consiste em nem sequer ‘ver’ o excluído – o que dorme na rua não é visto como pessoa, mas como parte da sujeira e abandono da paisagem urbana, da cultura do descarte.”



cas”, suscita “discussões sobre planos apostólicos”.

Conclusão

Deus vive na cidade, e a Igreja vive na cidade. A missão não se opõe a ter de aprender da cidade – de suas culturas e de suas mudanças – ao mesmo tempo que saímos a pregar o evangelho. Isso é fruto do próprio evangelho, que interage com o terreno no qual cai como semente. Não somente a cidade moderna é um desafio, mas bem mais o foram, o são e o serão toda cidade, toda cultura, toda mentalidade e todo coração humano.

A contemplação da encarnação, que santo Inácio apresenta nos *Exercícios espirituais*, é um bom exemplo do olhar que aqui se propõe.¹⁰ Um olhar que não fica atolado nesse dualismo que vai e vem constantemente dos diagnósticos ao planejamento, mas se envolve dramaticamente na realidade da cidade e se compromete com ela na ação. O evangelho é um querigma aceito e que impulsiona a transmiti-lo. As mediações vão se elaborando enquanto vivemos e convivemos.

Na contemplação da encarnação, santo Inácio nos faz “olhar como olha” o mundo a Santíssima Trindade. O olhar que Inácio propõe não é o que vai do tempo à eternidade em busca da visão beatífica para logo “deduzir” uma ordem temporal ideal. Inácio propõe um olhar que permite ao Senhor “encarnar-

10 “O primeiro ponto é ver as pessoas, umas e outras; e primeiro as da face da terra, em tanta diversidade, tanto de trajes como de gestos, uns brancos e outros negros, uns em paz e outros em guerra, uns chorando e outros sorrindo, uns são e outros enfermos, uns nascendo e outros morrendo etc. Segundo, ver e considerar as três pessoas divinas, como em seu trono real ou trono da sua divina majestade, como olham toda a face e redondeza da terra e todas as pessoas em tanta cegueira, e como morrem e descem ao inferno. Terceiro, ver Nossa Senhora e o anjo que a saúda, e refletir para tirar proveito de tal visita” (EE 106).

Relíquia

O destino do corpo na tradição cristã

Ario Borges Nunes Junior



Neste livro, o ato de veneração a uma relíquia apresenta-se como a maior prova de esperança da ressurreição da carne. Em torno desse tema, no decorrer dos capítulos, vários aspectos despertam a atenção do leitor.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





-se novamente” (EE 109) no mundo tal como está. O olhar das três pessoas é um olhar “que se envolve”. A Trindade olha tudo: “a toda a planície ou redondeza do mundo e a todos os homens”, e faz seu diagnóstico e seu plano pastoral. “Vendo” como os seres humanos perdem a vida plena (“descem ao inferno”), “se determina em sua eternidade (Inácio penetra no desejo mais íntimo e definitivo do coração de Deus, a vontade salvífica de que todos os seres humanos vivam e se salvem) que a segunda Pessoa se faça homem para salvar o gênero humano” (EE 102). Esse olhar universal torna-se concreto imediatamente. Inácio nos faz olhar “particularmente a casa e aposentos de Nossa Senhora, na cidade de Nazaré, na província da Galileia” (EE 103).

A dinâmica é a mesma de João no lavapés: a consciência lúcida e ampla do Senhor (sabendo que o Pai tinha colocado tudo em suas mãos) leva-o a cingir-se com a toalha e lavar os pés dos seus discípulos.

A visão mais profunda e mais alta não leva a novas visões, mas à ação mais humilde, situada e concreta.

Levando em conta estas reflexões, e para concluir, podemos dizer que o olhar do crente sobre a cidade resulta em três atitudes concretas:

– O sair de si ao encontro do outro resulta em proximidade, em atitudes de proximidade. Nosso olhar sempre tem de ser saído e próximo. Não autorreferencial, mas transcendente.

– O fermento e a semente da fé resultam no testemunho (se, sabendo estas coisas, as põem em prática, serão felizes). Dimensão martirial da fé.

– O acompanhamento resulta na paciência, na *hypomoné*, que acompanha processos sem maltratar os limites.

Por este lado me parece que vai o serviço com que, como homens e mulheres crentes, podemos brindar a nossa cidade. ●

LITURGIA DIÁRIA

O periódico LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus na liturgia e na leitura pessoal; favorece uma melhor assimilação e compreensão da liturgia da missa.

As edições são mensais e trazem as leituras e orações da missa de cada dia, comentários, preces, pequenas biografias dos santos das memórias a serem celebradas, partes fixas da missa, orações eucarísticas e roteiros de outras celebrações.

**Para fazer assinatura entre em contato com o setor
de assinaturas da Paulus:**

Tel.: (11) 3789-4000 ● 0800-164011

E-mail: assinaturas@paulus.com.br



“Não tenhais medo!” Da dificuldade de construir a “nova paróquia”

Paulo Suess*

O artigo é uma reflexão crítica sobre o estudo da CNBB “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”, o qual voltará a debate na próxima assembleia da conferência. Segundo o autor, o texto parte de princípios gerais para aplicá-los à realidade concreta das paróquias, e, para que haja realmente conversão pastoral, é preciso fazer o caminho inverso.

* É doutor em Teologia Fundamental. Em 1987 fundou o curso de pós-graduação em Missiologia na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção (SP). Recebeu o título de doutor *honoris causa* das Universidades de Bamberg e Frankfurt (Alemanha). É professor na pós-graduação em Missiologia no Itesp (SP) e assessor teológico do Cimi e do Comina. Entre suas publicações, citamos o *Dicionário de Aparecida: 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida e Impulsos e intervenções: atualidade da missão* (ambos pela Paulus).
E-mail: suess@uol.com.br
Blog: <http://paulosuess.blogspot.com>

Em sua 51ª Assembleia Geral, realizada de 10 a 19 de abril de 2013, em Aparecida, a CNBB aprovou “um texto de estudo” sobre o tema central “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”.¹ A assembleia ainda não tinha assumido o texto como “documento da CNBB”, o plano original. Foi sábia decisão dos bispos, que se deram conta de que, por causa da escassa participação das bases paroquiais na elaboração do texto, faltou algo – no dizer do papa Francisco, faltou “o cheiro das ovelhas”. Por conseguinte, a assembleia enviou o texto como “caderno verde” aos regionais da CNBB para ser enriquecido e aperfeiçoado, dando ao “verde” do caderno seu significado simbólico que pode vacilar entre imaturidade e esperança.

Na América Latina, a reflexão sobre a paróquia não precisa começar da estaca

1 Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Brasília, 2013. (Estudos da CNBB, 104.)



zero. O próprio texto de estudo lembra tópicos dos documentos de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida (cf. DM 6,1; DP 644, DSD 58, DAp 99e, 170, 179, 309), que apontam para a renovação da paróquia. Medellín, por exemplo, já prometeu, em 1968, a revisão de “uma pastoral de conservação, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na prévia evangelização” (DM 6,1), cobrou dos sacerdotes “especial solidariedade de serviço humano, expressa numa viva dimensão missionária” (DM 6,17) e sonhou com “uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal” (DM 5,15). Essa herança imperativa do magistério latino-americano em torno de uma paróquia missionária, “comunidade de comunidades”, foi genericamente assumida nas *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, 2011-2015* (DGAE 99), que consideram ser “urgente que a paróquia se torne, cada vez mais, *comunidade de comunidades vivas e dinâmicas* de discípulos missionários de Jesus Cristo”. Agora, seis anos depois de Aparecida e já quase no último ano da vigência das *Diretrizes gerais*, a 51ª Assembleia Geral da CNBB procurou desenhar a “nova paróquia” como território comunitário inserido no latifúndio e na contramão do individualismo de hoje.

1. Crítica ao “Estudo 104” à luz do magistério

O texto da CNBB tem quatro capítulos. Trata-se das perspectivas bíblica, teológica e pastoral nos capítulos 1, 2 e 4, respectivamente. Só no terceiro capítulo entra a realidade, com uma reflexão sobre “novos contextos: desafios à paróquia”. Como as reflexões bíblicas e teológicas precedem os novos

contextos e desafios paroquiais, não podem responder a esses contextos e desafios. É uma opção metodológica questionável. O *Documento de Aparecida* traz já na primeira parte o “olhar dos discípulos missionários sobre a realidade” sociocultural, econômica, sociopolítica, étnica, ecológica (DAp 33-97) e eclesial diante de desafios novos e herdados (DAp 98-100). Nessa realidade, segundo Aparecida, a missão dos discípulos missionários é sempre implícita ou explicitamente uma missão evangelizadora, integral, específica, contextual e universal que nos conduz “ao coração do

mundo”, onde abraçamos “a realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo” (DAp 148).

A carta que acompanha o envio do texto reza assim: “Nas assembleias regionais e diocesanas propõe-se que o texto seja apresentado, lido e discutido”. Por outro lado, a mesma carta sugere perguntas que podem ser propostas antes da leitura do texto.

Para as bases paroquiais, o texto da CNBB, embora seja um caderno verde de estudo, representa certa autoridade e inibe a reflexão livre, porque não foi pensado como ponto de partida para a construção de um novo documento da CNBB com a participação das bases paroquiais, mas como um modelo que deve ser adaptado aos diferentes contextos. Dessa adaptação vão depender, assim, as expectativas expressas na Introdução, o “êxito” da construção da *nova paróquia* (n. 5).

Além do equívoco metodológico, o “texto verde” sofre um curto-circuito histórico. Ao propor que, para a construção da nova paróquia, devamos “ter diante de nós [...] o

“Para as bases
paroquiais, o texto da
CNBB, embora seja
um caderno verde de
estudo, representa certa
autoridade e inibe a
reflexão livre...”

próprio Jesus e sua maneira de suscitar, organizar e orientar a vida em comunidade” (n. 3), comete o equívoco de um curto-circuito histórico e mostra como o método dedutivo, por vezes, se aproxima das conveniências ou do fundamentalismo. Nesse caso, a reflexão bíblica não responde aos desafios posteriormente apontados nem apoia a “conversão pastoral” (Dap 370) almejada. A cristologia das entrelinhas se torna jesuologia, em função de resultados preestabelecidos.

Antes de caminhar e de corrigir a caminhada, é preciso ver o caminho. Nessa perspectiva, a cura do cego, nos evangelhos sinóticos, é o último e mais significativo sinal de Jesus. Somente aquele que recuperou a vista pode subir com Jesus a Jerusalém. A análise séria da realidade com os olhos da nossa fé não seria a tentativa de recuperar a vista?

Precisamos reaprender o método indutivo do concílio! O papa João XXIII autorizou e assumiu esse método indutivo em sua carta encíclica *Mater et Magistra* (1961), na qual escreve: “Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases [...]. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: ver, julgar e agir” (MM 232). É o método do *aggiornamento*, das portas abertas, do serviço à humanidade.

A constituição pastoral *Gaudium et Spes* assumiu o discurso indutivo, partindo da vida concreta da humanidade, de suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (cf. GS 1). A transformação da paróquia tem de levar em conta essa “vida concreta da humanidade”, seus horários e itinerários, seu lazer e trabalho, seus espaços de vida e suas redes de comunicação.

Em sua encíclica *Ecclesiam Suam* (n. 27), Paulo VI assume o discurso do *aggiornamento* de João XXIII e justifica o método indutivo “como orientação programática”. Na última sessão do Vaticano II, o papa res-

Mística de olhos abertos

Johann Baptist Metz



O objetivo deste livro é tratar, sob uma perspectiva teológica, das “espiritualidade(s)”. Não só dar voz a um perfil imprescindível da espiritualidade cristã, mas também penetrar nas discussões que cercam Deus, a Igreja, as religiões e o mundo secular.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens: smacromet/illustrations



pondeu ao setor que acusou o método indutivo do concílio de ter desviado o foco teológico das matérias tratadas para um foco antropológico:

Desviado, não; voltado, sim. Mas quem observa honestamente este interesse prevalente do concílio pelos valores humanos e temporais não pode negar que tal interesse se deve ao caráter pastoral que o concílio escolheu como programa e deverá reconhecer que esse mesmo interesse jamais está separado do interesse religioso mais autêntico, devido à caridade que é a única a inspirá-lo (7/12/1965).

A diferença entre os dois métodos e seu impacto sobre o conteúdo são grandes. Sinteticamente, poder-se-ia dizer: o método dedutivo aplica princípios gerais aos contextos e sua realidade concreta. O método indutivo procura, a partir da realidade concreta em que o povo vive, a partir da realidade contextual e histórica, a partir das causas de estruturas paroquiais caducas, construir novos modelos comunitários que serão sempre submetidos a novas experiências. Faz mais de 40 anos que Paulo VI nos lembrou em sua carta apostólica *Octogesima Adveniens* (1971) que

não basta recordar os princípios, afirmar as intenções, fazer notar as injustiças gritantes e proferir denúncias proféticas; essas palavras ficarão sem efeito real, se elas não forem acompanhadas, por parte de cada um em particular, de uma tomada de consciência mais viva de sua própria responsabilidade e de uma ação efetiva (OA 48,2).

Sem análise da realidade da paróquia contemporânea e da vida das pessoas que vivem nos condicionamentos dessa realidade, a reflexão bíblica e teológica representa justaposições, oferecendo o verniz de ideais

e princípios, passando por cima de estruturas obsoletas.

2. A passagem do papa Francisco

Entre o envio do documento verde, o “Texto de estudo 104”, às Igrejas locais, ainda em abril de 2013, e seu retorno à Comissão de Redação, na sede da CNBB em Brasília, previsto até o dia 15 de outubro de 2013, aconteceu a 28ª Jornada Mundial da Juventude, de 23 a 28 de julho, no Rio de Janeiro. A presença marcante do papa Francisco na JMJ, seus discursos e gestos, propondo sair da “cultura de sempre”, uma cultura descontextualizada que “anula a força do Espírito Santo”, obrigam a repensar métodos e conteúdos pastorais *urbi et orbi*. Francisco lembrou perspectivas e contornos do magistério latino-americano, parcialmente esquecidos, que precisam ser reassumidos em nosso trabalho pastoral e, por conseguinte, influenciarão qualquer texto com a pretensão de configurar uma “nova paróquia”. A transformação do “estudo verde” em “documento azul”, que será a tarefa da 52ª Assembleia Geral da CNBB, em abril de 2014, precisa zelosamente assimilar as propostas do papa.

Em seu discurso à Comissão de Coordenação do Celam no dia 28 de julho, o papa Francisco destacou, como primeira entre “quatro características” da Conferência de Aparecida, seu “início sem documento”. Em vez de trabalhar a partir de “uma espécie de *Instrumentum laboris*”, com base no qual se poderia desenrolar “a discussão, a reflexão e a aprovação do documento final [...], Aparecida promoveu a participação das Igrejas particulares como caminho de preparação que culminou em um documento de síntese. Esse documento, embora tenha sido ponto de referência durante a 5ª Conferência Geral, não foi assumido como documento de partida”. O que o papa queria dizer com isso é o seguinte: os bispos se sentiram mais à vontade sem a camisa de força de um

instrumentum laboris, com posições previamente marcadas e/ou excluídas, como já era costume nos sínodos romanos depois de Paulo VI. Nesses sínodos, os “instrumentos” previamente escritos se tornaram *instrumentum simulationis* de colegialidade, com escassa interlocução entre a Igreja de Roma e as outras Igrejas particulares.

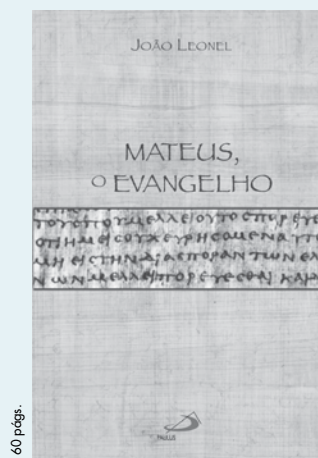
O próprio Vaticano II (1962) já tinha dado esse sinal à Cúria romana: “Por favor, nos deixem começar sem censuras prévias travestidas de *documentum laboris*!” Na época, Roma tinha preparado textos e os bispos do mundo inteiro deveriam adaptá-los em tempo recorde. Era previsto realizar o concílio no prazo de um ano. Mas os padres conciliares não aceitaram esse procedimento.

Mesmo depois do envio do texto de estudo às bases pastorais, permanece a ambiguidade entre um texto que nem foi construído a partir de dificuldades, demandas, sugestões e propostas feitas pelas comunidades nem leva em conta a realidade em que vivem essas comunidades. Inicia com Jesus Cristo e um mergulho no mistério trinitário (cf. n. 5). No texto, seus autores insistem nesse procedimento para dar continuidade à metodologia das *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil* (2011-2015) (DGAE 4). Continuidade, no caso, significa “autorreferencialidade” e ruptura com a tradição indutiva acima descrita.

O pensamento indutivo dá voz de intervenção à realidade concreta. Assim temos de interpretar os gestos do papa Francisco, como sua ida à pequena ilha de Lampedusa, onde chamou a atenção para a vida, miséria e abandono dos refugiados políticos. Enquanto ninguém se lembra mais das palavras do papa, o gesto fica gravado na memória. Na Jornada Mundial da Juventude, antes de pronunciar discursos programáticos, Francisco visitou jovens no Hospital São Francisco de Assis na Providência de Deus, que se dedica

Mateus, o Evangelho

João Leonel



Neste livro, há duas diferentes interpretações sobre Mateus. Uma pelas ciências sociais e pela teoria literária da Europa e Estados Unidos, e outra pelo ponto de vista das ciências sociais e pela teoria literária brasileira.

Ilustrações: marcelo marcelo

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





à recuperação de dependentes químicos e indigentes, reuniu-se com a Comunidade de Varginha, que faz parte de uma grande favela, e se encontrou com jovens detentos. A “conversão pastoral” vai depender dessa voz da realidade que interfere sobre nossos discursos e textos.

Em várias ocasiões, o papa Francisco insistiu no caráter missionário da paróquia. Na homilia da santa missa com bispos, sacerdotes, religiosos e seminaristas, Francisco sintetizou seu pensamento sobre a paróquia:

Não podemos ficar enclausurados na paróquia, em nossa comunidade, em nossa instituição paroquial [...], quando tantas pessoas estão esperando o evangelho. Sair, enviados. Não é um simples abrir a porta para que venham, para acolher, mas sair pela porta para buscar e encontrar. [...] Pensemos com determinação na pastoral a partir da periferia, começando pelos que estão mais afastados, pelos que não costumam frequentar a paróquia.²

A paróquia missionária, segundo o papa Francisco, é um espaço aberto para acolher e enviar, um espaço pensado a partir das periferias geográficas e sociais, um território sem fronteiras, onde se promove a cultura do encontro. A proposta de Francisco não é abandonar as paróquias, mas dinamizá-las. Como? Fechando a “alfândega paroquial”,³ ampliando as fronteiras pastorais, redefinindo os des-

tinatários preferenciais a partir das periferias e transformando os destinatários paroquiais em agentes pastorais!

3. Conversão pastoral na paróquia missionária

A “conversão pastoral” coincide com a “renovação missionária das comunidades” (Dap 365-372). Esta exige a transformação de uma pastoral dedutiva, de cunho clerical,

concentrada na mão do clero, que considera as comunidades filiais como franquias padronizadas, em pastoral indutiva, protagonizada pelo conjunto do povo de Deus. Desde os anos 1960, essa “conversão pastoral” já está em discussão e andamento.

Não precisamos inventar a roda, mas despende uma força institucional para fazê-la girar “em comunhão e com participação”. O texto sobre a “nova paróquia” não precisa repetir as análises feitas por Aparecida, mas colocá-las no chão concreto das comunidades.

Todos nós conhecemos essas comunidades de comunidades nas quais alimentamos nossa fé, ampliamos nosso horizonte de vida com o sofrimento dos pequenos e fortalecemos nossa esperança ao consolar os desesperados. À maioria dos agentes de pastoral não faltam virtudes. Às vezes faltam tempo e paciência para viver seu ministério no meio do povo; falta coragem de romper com a “cultura de sempre” e coragem de dizer às comunidades: “Vocês são Igreja plena, e nós, agentes de pastoral, sobretudo os bispos, empenhamo-nos para que essa plenitude não seja apenas espiritual ou virtual, mas também sacramental”. As comunidades querem uma pastoral integral com “a participação plena na eucaristia dominical” (Dap 253, cf. 149), já que “a eucaristia é o lugar

“Não vamos dar respostas às perguntas que não existem e não vamos indicar temas sobre os quais não se pode falar!”

2 *Palavra do papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013 p. 73s.

3 No dia 25 de maio de 2013, durante a missa na Casa Santa Marta, o papa Francisco lamentou as portas fechadas na Igreja pelos fiscais da fé. Acrescentou-se aos sete sacramentos mais um, o oitavo: “o sacramento da alfândega pastoral” (fonte: Rádio Vaticana).

privilegiado do encontro do discípulo com Jesus Cristo” (DAP 251) e o viático do missionário peregrino.

Temos de fazer ressoar a mensagem do Ressuscitado com honestidade: “Alegrai-vos! Não tenhais medo!” (Mt 28,9-10). Não tenhais medo de perguntar às comunidades como imaginam a “nova paróquia”! Não tenhais medo de receber respostas ou propostas inesperadas das comunidades! Não vamos dar respostas às perguntas que não existem e não vamos indicar temas sobre os quais não se pode falar!

Não tenhais medo de falar ao povo sobre os obstáculos que impedem sua plena participação na eucaristia. Não tenhais medo de falar do imperativo da lei suprema que representa o último artigo (cf. Cân. 1.752) do Código de Direito Canônico: “A salvação das almas deve sempre ser a lei suprema”. Em função dessa “lei suprema” e da “comunidade de comunidades”, precisamos repensar o tratado sacramental que se formou, basicamente, no tempo pós-apostólico e medieval. Ao menos precisamos explicar onde estão as dificuldades, as possibilidades e impossibilidades de avançar na discussão sobre os “*virī probati*”, a qual parou logo depois do concílio.

Chegamos ao ponto crítico. A escassez de ministros ordenados se espelha na redução significativa dos católicos. O processo de urbanização e secularização, a volatilidade religiosa pós-moderna e a estrutura ministerial inadequada à realidade pastoral, associados a muitos outros fatores, produziram, na América Latina e no Caribe, uma redução dos católicos e presbíteros em números absolutos (DAP 100a). A reprodução cultural e rural do catolicismo era característica da cristandade que passou. Como podemos, com poucos agentes que, no mundo urbano, vivem mais dispersos, transformar os batizados – que já nem cristãos culturais são – em discípulos missionários? O mundo acadêmico e as fa-

A força restauradora da Mística **A libertação espiritual para todos**

Victor Manuel Fernández



Esta obra indica caminhos essenciais para se viver melhor. Os escritos escondem segredos para conseguir uma vida sadia e feliz; para que possamos nos realizar como seres humanos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





culdades de teologia não podem nos responder essa pergunta. Eles nos podem, porém, ajudar a discernir e amparar, teologicamente, as respostas das comunidades de acordo com a “suprema lei”.

A precariedade numérica nos obriga a repensar a amplitude imperativa da “natureza missionária” do povo de Deus. Até agora nós apenas arranhamos essa natureza, com um prego enferrujado de princípios descontextualizados. Como deixar aflorar essa “natureza missionária”, aprisionada em estufas institucionais? Como abrir os olhos dos batizados para a realidade do continente e do mundo e chamá-los à sua responsabilidade (DAP 14; 33)? A realidade interpela os cristãos e seus pastores; cobra coerência com as promessas e os imperativos do evangelho e “um compromisso com a realidade” (DAP 491).

A novidade da paróquia será a sua missionariedade como paróquia samaritana e advogada da justiça dos pobres. Essa missionariedade perpassa todos os planos pastorais, o livro de caixa, a formação dos agentes. Ela é vivida a partir de pequenas comunidades que aprofundam sua fé na leitura da palavra de Deus, celebram sua vida na eucaristia e, ao anunciar a proximidade do Reino, procuram seguir Jesus, na responsabilidade para com o mundo além de qualquer fronteira, capaz de se converter, de perdoar e de curar as feridas da humanidade (cf. Mc 1,15; RMI 14,2).

4. Algumas propostas práticas

Depois desses discernimentos e lembretes, seguem algumas propostas práticas para a tarefa a ser cumprida: configurar a nova paróquia.

4.1. Consideração prévia

Na construção de um texto sobre a “nova paróquia”, precisamos não só permitir, mas também pedir e incentivar a participação das comunidades. Como transformar em instâncias deliberativas as estruturas comunitárias existentes nas igrejas, nos diferentes conse-

lhos e nos sínodos, por exemplo, cuja característica atual é serem instâncias consultivas? Como transformar estruturas de supervisão, de visitas rápidas e horas marcadas, em estruturas de presença inculturada? O povo prefere um pastor tocável a um padre Fórmula 1.

“A Igreja sabe ainda ser lenta: no tempo para ouvir, na paciência para costurar novamente e reconstruir? Ou a própria Igreja já se deixa arrastar pelo frenesi da eficiência?”, pergunta o papa Francisco ao episcopado brasileiro. Os encaminhamentos já fazem parte do modelo de Igreja em construção. Meios e métodos fazem parte da mensagem.

4.2. Valorizar a voz do povo de Deus

Antes de enviar um “texto de estudo” às bases regionais e às comunidades, os reme-
tentes precisam perguntar a si e aos destinatários: “Queremos que se trabalhem as reflexões sobre a nova paróquia a partir da realidade e experiência das comunidades ou a partir de uma reflexão bíblico-teológica? Deve-se trabalhar com a moldura do método indutivo ou dedutivo?” Seguem outras perguntas. O texto é meramente informativo, consultivo, ou as respostas terão certo peso decisivo nos encaminhamentos posteriores? Queremos apenas um novo arranjo de flores, já cortadas por floristas profissionais, ou queremos, na próxima assembleia da CNBB, depositar cestos de flores novas

“Como transformar estruturas de supervisão, de visitas rápidas e horas marcadas, em estruturas de presença inculturada? O povo prefere um pastor tocável a um padre Fórmula 1.”

do campo aos pés de Nossa Senhora Aparecida? Queremos ouvir aquilo que as comunidades acham que nós queremos ouvir ou queremos ouvir o que elas realmente pensam? Entre não ouvir o povo, constituí-lo assessor, estimular a sua manifestação ou lhe conferir voz decisória, muitas variantes de comunicação eclesial são possíveis.

4.3. Lembrar o magistério latino-americano

Gostamos de trabalhar com textos que são a extensão da nossa memória. Esses textos-memória, no caso da “nova paróquia”, seriam a síntese dos textos que, desde Medellín, foram produzidos pelo magistério latino-americano, não mais que uma ou duas páginas. Podemos enviar essa síntese às comunidades, pedindo uma avaliação do povo de Deus, nestes termos: “Nós, bispos, em certa sintonia com vocês, povo de Deus, estivemos sempre preocupados com nossas paróquias e comunidades. Desde o Concílio Vaticano II (1962) e Medellín (1968), avançou a nossa reflexão e hoje lhes enviamos alguns trechos de textos que escrevemos, nós ou nossos antecessores, sobre a paróquia, enriquecidos com alguns questionamentos do papa Francisco na JMJ, no Rio de Janeiro. Antes de escrever outro documento, queremos ouvir sua opinião e suas propostas. Onde as nossas paróquias conseguiram avançar? Onde a nossa pastoral e as estruturas paroquiais ficaram ‘caducas’? Quais são as causas? Quais são as suas propostas? Cordiais saudações com a proposta do nosso papa Francisco: ‘O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade!’”.

4.4. Quatro toques de uma melodia sempre nova

Em todos os passos da construção do texto sobre a “nova paróquia”, procuremos observar quatro aspectos distintos e, ao mesmo

Um mês em companhia de Nossa Senhora

Antônio Lúcio da Silva Lima (org.)



Este livro quer ajudar-nos a caminhar com Maria durante um mês, por meio de trinta e um títulos marianos. É subsídio para os devotos de Nossa Senhora, com os seus mais variados títulos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



tempo, inseparáveis. Eles servem para estruturar o envio da proposta, como também para sistematizar as respostas e propostas das comunidades:

4.4.1. VISÃO: Levantamento da realidade da paróquia e do povo com o povo.

4.4.2. PARTICIPAÇÃO: Estruturar, encaminhar e discutir esse levantamento com lideranças inseridas num processo de formação permanente e que são “mestres da escuta”: abertas à pluralidade, sabem acolher, conviver, envolver e distinguir.

4.4.3. COMUNHÃO: A construção do texto envolve a construção das comunidades com lideranças esclarecidas sobre a metodologia que faz parte dos objetivos e da mensagem. Propostas de “conversão pastoral” já são resultado dessa conversão e convivência “para que todos vivam, na pluralidade da experiên-

cia da fé, na diversidade de carismas e de dons, a unidade indispensável à vida cristã”.⁴

4.4.4. MISSÃO: Testemunho e anúncio do Reino nos fazem estender as fronteiras paroquiais até as periferias sociais, psicológicas, culturais. Nosso querigma visa à conversão, ao perdão, à cura real e/ou simbólica das feridas da humanidade. Da MISSÃO que ultrapassa as fronteiras paroquiais, o discípulo missionário traz sempre uma VISÃO mais profunda da realidade. A partir das periferias conhecemos melhor os objetivos e a relevância do conjunto da missão. O processo metodológico é de uma espiral, não de um círculo. Os quatro aspectos – visão, participação, comunhão, missão – são como quatro toques de uma melodia, sempre nova como as águas de um rio. ●

4 Estudos da CNBB, n. 104, l.c., n. 238.





Paróquia, rede de comunidades – a conversão pastoral

José Luiz Gonzaga do Prado*

Renovar a paróquia e a Igreja, como pedem os documentos oficiais e o papa Francisco, passando de uma forma monárquica, com estrutura de poder concentrado nas mãos de um só, para uma Igreja estrutura de participação, composta de redes de comunidades, requer verdadeira conversão pastoral. O autor reflete sobre os entraves concretos a essa conversão.

Expus a catequistas de três paróquias da diocese as *Diretrizes para a ação evangelizadora da Igreja do Brasil*. Sobre as propostas das *Diretrizes*... que falam em mudança de estruturas e na paróquia como rede de comunidades, ouvi dos catequistas esta observação: “Como os bispos escrevem umas coisas tão bonitas, tão certas, mas a gente nunca ouviu falar nisso, ninguém toma qualquer iniciativa, nem padres nem bispos fazem nada para mudar!”.

O que falta

Falta uma pequena coisa que está nas *Diretrizes*... e no *Documento de Aparecida*, algo do qual o papa Francisco falou várias vezes: a conversão pastoral. Ela não se faz porque há dois entraves grandes: o poder e o dinheiro.

O poder: não é fácil deixar as rédeas, o controle total, o poder absoluto. Não é fácil descentralizar as decisões, ouvir as bases, submeter-se ao povo, favorecer o crescimento do mesmo povo, deixar de ser dono e patrão e

* Padre da Diocese de Guaxupé-MG; mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana (Roma) e mestre em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma). Autor dos livros *A Bíblia e suas contradições: como resolvê-las* e *A missa: da última ceia até hoje*, ambos publicados pela Paulus.
E-mail: zedadonana@gmail.com



passar a ser empregado. Não é fácil ser capaz de realizar na prática o que disse um colega quando assumiu uma paróquia: “Não sou eu que estou tomando posse da paróquia, vocês é que estão tomando posse de mim!” Não é fácil, pelo gosto do poder, não é fácil, pela insegurança que isso provoca, pois não se está preparado para agir de outra forma.

O dinheiro se liga visceralmente ao poder: o poder dá dinheiro e o dinheiro dá a sensação de poder. Para que a pastoral do dízimo deixe de ser a mais importante da paróquia, é preciso despojar-se, diminuir os gastos pessoais e institucionais. O aparato caro pode esconder a falta de conteúdo, o brilho exagerado ofusca e cega para que não se vejam pecados, falhas, erros e imperfeições. A força do dinheiro substitui a força do evangelho. O poder da moeda faz esquecer “aquele que se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza” (2Cor 8,9).

Conversão

Conversão traduz a palavra grega *metanoia*. *Metá* de *metamorfose*, mudança de forma, e *noia* de *paranoia*. Conversão é mudança de cabeça, portanto. É mudança de mentalidade, de conceitos, de sonhos, de objetivos de vida. Sem mudar o objetivo pessoal de domínio, de senhorio, de servir-se e ser servido, pelo objetivo coletivo de realizar o projeto de Deus, de construir a Igreja de Jesus Cristo, de servir o povo de Deus para que ele seja sujeito, e não objeto a ser manipulado, não há o que fazer.

Conversão, mudança de cabeça, mudança completa de rumos na vida, não é fácil. Sem ela, porém, não se consegue ser discípulo de Jesus. Quem não põe em segundo plano a própria pessoa, a família e tudo o mais, quem não tem uma causa pela qual valha a pena sacrificar tudo, até a própria vida, nunca será discípulo do Crucificado (Mt 10,37-39 e Lc 14,26-33 falam disso). Lucas (vv. 28-33) insiste: para quem não estiver com total disposição de deixar tudo para trás, o melhor

é desistir. E essa causa que vale mais do que eu mesmo é, concretamente, contribuir para formar uma Igreja que seja verdadeiro sacramento de salvação para a humanidade.

Pastoral

O *Documento de Aparecida* e as *Diretrizes...* repetem frequentemente a necessidade de uma mudança de estruturas pastorais. O papa Francisco, que foi da equipe de redação do *Documento de Aparecida*, também não deixou de falar nisso. Que estruturas seriam essas?

Podemos começar com o que disse o papa Francisco: deixar uma estrutura burocrática, baseada em documentos, papéis, assinaturas, carimbos, horário, por um esforço de aproximação das pessoas. O papel distancia. A mãe não se comunica com o filho por meio de papéis, mas do abraço, do carinho, da proximidade, lembra o papa Francisco, fazendo o gesto do abraço! Menos papel, menos normas e regulamentos – já existem muitos cânones no código, não é preciso criar mais. Menos horários e mais afeto e proximidade com as pessoas. O que Francisco falou é, em boa parte, consequência e também causa de outras mudanças necessárias.

Renunciar a uma Igreja monárquica, estrutura de poder concentrado nas mãos de um só, e converter-se a uma Igreja que seja estrutura de participação. Aliás, nas cidades gregas onde Paulo pregou o evangelho, como Tessalônica, por exemplo, *ekklesia* era a reunião da elite econômica e social para tomar algumas decisões sob a autoridade do poder absoluto de César. Paulo, porém, chama de “*ekklesia* dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo” o grupo de trabalhadores braçais, a última classe social, que se reunia nas casas para alimentar a sua fé e decidir os passos que deveria tomar.

Dizer que a paróquia é uma comunidade pode enganar (?) quem fala, mas talvez não engane quem escuta. J. Marins diz que é o



mesmo que colocar 500 passageiros num avião onde só cabem cem. É claro que o avião não vai decolar. Por mais que se afirme, por mais que se repita a palavra comunidade, nada acontece, o avião não decola. A realidade não se muda com palavras, mas com atitudes.

A conversão seria dizer: “as comunidades que formam a paróquia”, se é que isso corresponde mesmo à verdade. Comunidade é um grupo menor, onde as pessoas não só se conhecem, mas também se amam, são solidárias entre si e, além disso, têm consciência de formar uma comunidade que tem identidade e, portanto, autonomia.

Muitos poderão objetar: se as comunidades devem ter alguma autonomia, se não estão totalmente submissas ao poder exclusivo do pároco, então acabou a estrutura da Igreja. Não é isso que os nossos documentos (DAP e DGAE) e o papa Francisco querem, quando falam em mudança de estruturas pastorais ou eclesiais?

Nos cafezais antigos plantados em linha, especialmente nas regiões montanhosas, uma chuva forte levava para os córregos todo o adubo e o húmus e até arrancava alguns pés de café. Nada ficava do que deveria alimentar as plantas. A técnica das curvas de nível, de acordo com a topografia do terreno, faz que grupos de pés de café fiquem no mesmo nível e, assim, conservem o húmus, o adubo e até mesmo a água da chuva.

Da mesma forma, se tudo na paróquia só vem do único que tem a palavra, temos o café plantado em linha: tudo o que desce lá de cima, como a chuva, escoar rapidamente. Mas se o povo está organizado em grupos menores, é como o cafezal em curvas de nível: todo o alimento é retido, a palavra de Deus, a oração e os sacramentos sustentam os grupos e as pessoas, a Igreja cresce e produz.

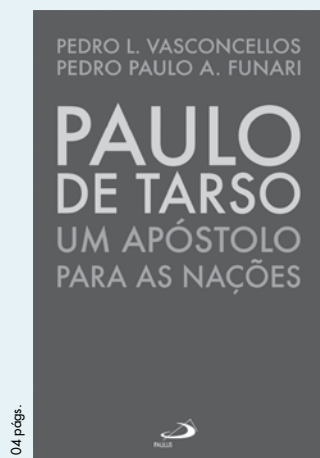
Rede

Rede é como a tela de arame de Michel Quoist, uma porção de buracos amarrados uns aos outros. Cada comunidade tem suas

Paulo de Tarso

Um apóstolo para as nações

Pedro L. Vasconcellos / Pedro Paulo A. Funari



A obra traz traços principais da trajetória do apóstolo Paulo de Tarso, e características de sua ação como missionário em cidades da Grécia e Ásia Menor. Criador de comunidades; e semeador, a seu modo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





falhas e defeitos, mas, agarradas firmemente umas às outras, formam um sistema de rede que lhes dá força, porque mantém a identidade de cada uma, fortalece a união entre todas e se faz presença e atuação em todos os cantos por onde se espalham as comunidades.

No Segundo Testamento, temos várias redes de comunidades ou igrejas. A rede de comunidades iniciadas por Paulo é a mais conhecida. Apesar das dificuldades da época, havia intensa comunicação entre elas. Elas fazem uma campanha de ajuda aos “santos” pobres da Judeia, o método seguido em umas serve de modelo para outras (1Cor 16,1).

Paulo organizava essas comunidades com conselhos que os Atos dos Apóstolos chamam de presbíteros, anciãos ou lideranças familiares – ele próprio fala em *episcopoi* ou bispos (Fl 1,1) – e com divisão de tarefas ou ministérios, diáconos em Fl 1,1. As comunidades caminhavam sozinhas. Ele não morava em nenhuma delas, mas, como apóstolo ou missionário itinerante, era quem gozava de maior autoridade. Ficava algum tempo em um lugar, depois em outro, e apenas por cartas se comunicava com suas Igrejas.

Em Éfeso, é provável que tenha havido comunidades cristãs de três redes diferentes: da rede liderada por Paulo, da rede de João autor do Apocalipse e da rede do IV Evangelho ou do Discípulo Amado.

Essa última rede se rompeu. As cartas de João dão testemunho disso. Diótfrefes (3Jo 9), que se faz de chefe, não acolhe os missionários enviados pela comunidade do autor, até expulsar da sua comunidade quem os hospeda. O autor, porém, proíbe também as comunidades que o seguem de hospedar quem ali chegue com um ensinamento diferente (2Jo 10-11).

Dessa rede, as comunidades que não se desviaram uniram-se às “Igrejas apostólicas”, como diz Brown, às comunidades das redes iniciadas por Pedro, por Paulo e por outros apóstolos. E no anexo ao Evangelho do Discípulo Amado (capítulo 21) fica linda a imagem de Pedro carregando sozinho a rede que seis não

tinham conseguido tirar da água e levando-a até Jesus, sem permitir que, mesmo com tantos peixes, ela se rompesse.

Comunidade

O termo comunidade goza de grande simpatia e por isso mesmo é largamente utilizado: serve tanto para enormes favelas disputadas entre traficantes e policiais como para falar em comunidade científica e comunidade internacional.

Não cabe aqui buscar definir um conceito sociológico de comunidade. Repito o que já disse: comunidade é um grupo menor, onde as pessoas não só se conhecem, mas também se amam, são solidárias entre si e, além disso, têm consciência de formar uma comunidade que tem identidade e, portanto, autonomia.

O *Documento de Medellín* (15.10) também diz:

A vivência da comunhão a que foi chamado deve ser encontrada pelo cristão em sua “comunidade de base”, isto é, em uma comunidade local ou ambiental, que corresponda à realidade de um grupo homogêneo e que tenha uma dimensão tal que permita o trato pessoal e fraterno entre os seus membros.

Nessa “comunidade de base” cabe-nos inserir o conceito “eclesial”, que faz da comunidade “local ou ambiental” também

“Não é fácil deixar as rédeas, o controle total, o poder absoluto. Não é fácil descentralizar as decisões, ouvir as bases, submeter-se ao povo, favorecer o crescimento do mesmo povo.”



uma comunidade de fé, ou seja, guiada pelo compromisso com o Messias Jesus e ligada ou formando rede com outras comunidades que tenham as mesmas características.

Nesse sentido, temos o paradigma traçado pelos Atos dos Apóstolos nos três retratos da comunidade de Jerusalém: alimentar a fé, viver a solidariedade e transformar o mundo. O primeiro retrato destaca o alimentar a fé, o segundo destaca a vida solidária e o terceiro destaca a sombra de Pedro (da comunidade) curando os males do mundo.

O Novo Testamento todo, de resto, lido nessa ótica, revela-nos as virtudes e as fraquezas das comunidades cristãs primitivas.

O horizonte

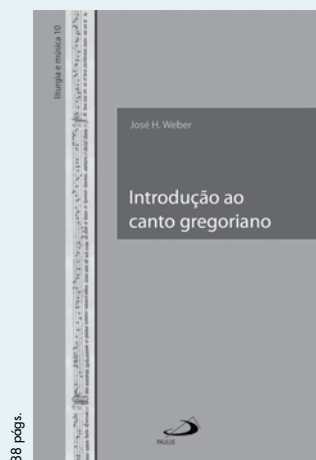
Utopia e horizonte se assemelham. Vimos e ouvimos o papa Francisco dizendo aos jovens que é necessário ter uma utopia, um sonho coletivo, para a humanidade toda, um horizonte para onde caminhar sem nunca chegar, onde o céu e a terra se encontram. Isso é utopia, isso é horizonte.

A missão é plantar, não necessariamente colher. Tudo pronto e acabado só se faz com cimento, mas Jesus não nos manda ser cimento que acaba e para; manda ser fermento que não para, mas continuamente faz crescer a massa.

Uma Igreja formada de “comunidades de base” animadas pela fé e unidas em rede, comunidades lúcidas, conscientes, que em grupos menores buscam todo dia ter maior intimidade com o evangelho, ser casa da partilha e da solidariedade, cuja sombra transforma o mundo, é uma utopia que muitos rejeitam, esquecidos de que cimento, o definitivo, é só no céu: agora somos apenas fermento. A utopia é a colheita esperada; agora nos cabe apenas plantar, mas plantar de olho na colheita, de olhos fitos no horizonte, na utopia onde o céu se une à terra.

Introdução ao canto gregoriano

José H. Weber



A obra apresenta a história do canto, melodia, gênero, cadência e notas. Indicado às pessoas que se ocupam de liturgia e música litúrgica, e todos os interessados na origem, história, raízes do gênero.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





O caminho

Para caminhar, a primeira medida é sair de casa. Sair é, aliás, um dos verbos mais usados pelo papa Francisco, sair e ir ao encontro, ir à busca; sair é arriscado por causa dos possíveis acidentes, “mas prefiro uma Igreja acidentada a uma Igreja doente e em estado de depressão”, diz Francisco.

O começo do caminho tem de ter em mente a chegada, tudo deve contribuir para que se chegue lá. Se o que queremos é uma conversão, uma mudança de mentalidade, então, desde as primeiras decisões, essa mudança de mentalidade deve estar presente.

Lembro um colega que decretou a divisão de sua paróquia em tantas comunidades, com limites precisos, determinados por ele. Quem era de uma comunidade, se houvesse missa na comunidade vizinha, estava proibido de ir à missa, tinha de participar da celebração na sua comunidade. Entre os cargos e funções, todos nomeados pessoalmente pelo pároco, havia o encarregado das fichas. Devia ter uma ficha de cada família da comunidade. Aí anotava a participação dos adultos nas celebrações e nos grupos de reflexão ou círculos bíblicos e a das crianças na catequese etc. Era o encarregado das fichas que decidia se os jovens podiam se casar ou se a criança podia ser batizada. Contando-me como era sua paróquia, a certa altura pareceu sentir escrúpulos em ter sido tão autocrático. Disse: “Hoje, se eu fosse começar de novo... (arrependeu-se de estar arrependido) faria tudo do mesmo jeito!”. Sem *metanoia*, nada feito!

O objetivo é que o povo se torne sujeito, que a Igreja seja comunidade, reunião de pequenos grupos de dimensões humanas,

onde as pessoas se conheçam e possam ser solidárias e amar-se umas às outras. Antes, então, de pensar em uma estrutura pronta, que poderá cimentar as comunidades, um bom começo é pensar em pequenos grupos espontâneos (pessoas que se escolhem) para se reunir em torno da Palavra de Deus. Seriam os círculos bíblicos, grupos de reflexão ou grupos de rua, como se quiser chamar.

É importante que esses grupos tenham, digamos, o apoio oficial, o que pode ser concretizado, por exemplo, escolhendo um dia da semana no qual não se faz nenhuma outra atividade na paróquia a não ser as reuniões dos grupos. Nesse dia, cada qual pega a sua Bíblia, desliga a televi-

são e vai para o seu grupo.

A outra hipótese também precisa do apoio oficial. Seria dar início a alguns grupos e favorecer, por contágio, a sua multiplicação. É necessário encontrarmos o equilíbrio entre o “espontaneísmo”, que simplesmente espera as coisas acontecerem, e a invasão cultural, que impõe a outros os conceitos de alguém de fora.

É claro que, de qualquer forma, isso exige preparação de uma boa equipe de animadores e um quase indispensável roteiro. Esse roteiro deve ser como uma muleta, que ajuda a caminhar, mas não substitui as pernas. O roteiro não pode, portanto, engessar o grupo e impor-lhe as ideias de quem o preparou. O ideal é apenas provocar, para que o grupo aprenda a refletir e as pessoas se tornem senhoras de si, conscientes de sua identidade e de seus compromissos.

Os passos seguintes

Seja qual for o modelo escolhido para iniciar, é preciso ter em mente o ideal pro-

“A missão é plantar, não necessariamente colher. Tudo pronto e acabado só se faz com cimento, mas Jesus não nos manda ser cimento que acaba e para, manda ser fermento.”



posto nos nossos documentos e pelo papa Francisco: a rede de comunidades. O primeiro passo é reunir os grupos em plenários: uma vez por mês, reunir todos os grupos ou, pelo menos, bom número de representantes de cada grupo de determinada área para avaliação e troca de experiências sobre as últimas reuniões.

Os plenários já começam a pôr em rede os diversos grupos. As áreas, setores, regionais – ou como se queira chamá-los – que fazem os plenários dos grupos vão, pouco a pouco, organizando-se em comunidades. Essas comunidades seriam redes de grupos menores que se reúnem semanalmente para refletir sobre a sua vida à luz da Palavra de Deus. Seriam, como diz o *Documento de Medellín* (15,10), as células iniciais de estruturação eclesial, focos de evangelização e fatores primordiais de promoção humana e desenvolvimento.

As comunidades, para terem consistência, vão carecer de alguma organização. Esta deve estar de acordo com a conversão pastoral pedida pelos documentos e pelo papa. Não serão estruturadas automaticamente nem monarquicamente. O modelo é o reinado de Deus atribuído na Bíblia ao período pré-monárquico, quando quem decidia as questões era o grupo de chefes de família, anciãos ou presbíteros. Assim, quem coordena a comunidade não é uma pessoa, mas um conselho, um grupo de lideranças naturais escolhido pela própria comunidade, pela rede de grupos bíblicos.

Essa comunidade pode e deve também oferecer alguns serviços que cada grupo individualmente não tem condição de oferecer, como catequese, celebrações ou cultos dominicais, ministérios, pastorais etc. Isso é feito de acordo com cada realidade.

Conforme a particularidade das realidades, as comunidades também podem se reunir em redes menores que a paróquia, as

A filha de Sião

A devoção mariana na Igreja

Joseph Ratzinger



68 págs.

Três conferências feitas por Bento XVI estão transcritas neste livro. Tratam do declínio do culto mariano na Igreja, do desejo de constatar, da maneira mais sóbria possível, o que havia permanecido da fé mariana, e o que deveria a permanecer.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





quais podem ser chamadas de setores e ter, alguma vez, até mesmo conselhos de setor.

Aí, então, a paróquia terá suas estruturas renovadas, à medida que essas redes de setores, de comunidades e de grupos bíblicos tiverem influência efetiva nas decisões, fornecendo contribuições aos diversos conselhos paroquiais e, quem sabe, discutindo, desde os pequenos grupos bíblicos, algumas grandes decisões a serem tomadas.

A assembleia paroquial terá, então, sentido pleno; terá seus temas debatidos por todos, desde os menores grupos, e a opinião de cada membro da paróquia poderá ter aí o seu peso.

Um problema

Monsenhor Cambron dizia que as comunidades passam pelas três fases da vida de uma pessoa: infância, adolescência, idade adulta. A comunidade criança depende em tudo das autoridades da paróquia; a comunidade adolescente é rebelde, quer fazer tudo por sua conta e do seu jeito; já a comunidade adulta é equilibrada, pede ajuda quando necessário, mas é capaz e precisa de autonomia. Concluo o artigo com dois exemplos que mostram, na prática, um pouco do que foi sugerido na reflexão acima:

– Um membro do conselho de uma comunidade vem dizer ao pároco que peça ao bispo procuração para receber a escritura de um terreno. Só então o pároco fica sabendo: a comunidade tinha um salãozinho pobre, construído de favor, à porta da casa de um sitiante. O dono do terreno era candidato a vereador, mas a maioria dos membros da comunidade trabalhava para outro candidato. O dono do terreno exigiu que a comunidade saísse de lá. O conselho se reuniu, en-

tão, com ele, concordou em sair do local e um membro do conselho doou um terreno seu, para ali construírem novo local de encontros e reuniões.

– De uma comunidade da cidade: alugavam uma garagem onde tinham a catequese, faziam as celebrações e outras reuniões. Havia feito um movimento para poderem comprar um terreno e construir um local. Alguém da comunidade pergunta ao pároco: encontramos um terreno, mas o loteamento

ainda não está regularizado, convém comprar ou não? Resposta: “Eu não sei bem como é a situação desses terrenos. Vocês reúnam o conselho e o que resolverem fica resolvido”. Passado pouco tempo, o pároco pergunta à pessoa o que haviam decidido a respeito do terreno. Resposta: “Já estamos

respaldando a igreja”.

E, por fim, uma questão relativa a um problema concreto presente em muitas comunidades: quando entra na idade adulta, a gente quer ter autonomia econômica. Nas comunidades acontece o mesmo, mas isso fica cada vez mais complicado. A Receita Federal aperta o cerco – e com razão –, para evitar lavagem de dinheiro. É preciso agrupar todos os recursos na paróquia para se contabilizar tudo corretamente. Com isso, perde-se a autonomia econômica das comunidades. Como dar-lhes essa autonomia sem usar o subterfúgio do caixa dois? Como contabilizar o movimento financeiro das comunidades? O lado econômico, queiramos ou não, tem grande importância para que a comunidade tenha sua margem de autonomia e de verdadeira identidade. Como fazer, então? Fica a pergunta para a continuidade na reflexão sobre o tema. ●

“A paróquia terá suas estruturas renovadas, à medida que essas redes de setores, de comunidades e de grupos bíblicos tiverem influência efetiva nas decisões...”



Grupos de rua: espaço para o exercício da colegialidade na Igreja

Pe. Manoel Godoy*

À luz da contribuição do Vaticano II para o exercício da colegialidade na Igreja, o autor reflete sobre o caminho de renovação eclesial e paroquial como rede de comunidades ou comunidade de comunidades, estimulando a multiplicação dos pequenos grupos de cristãos em torno da Palavra de Deus.

Uma das reflexões mais profundas e complexas do Concílio Vaticano II tangia à questão do exercício do poder na Igreja. O documento *Lumen Gentium* apontava para a possibilidade de que o poder pudesse ser exercido de forma colegial, isto é, havia o reconhecimento de que o colégio episcopal também tem a autoridade para governar toda a Igreja. *Lumen Gentium* deixava claro que tal poder só seria lícito junto com Pedro, e nunca sem ele. Mesmo assim, somente o reconhecimento do poder colegial na Igreja já assustou os que defendiam a supremacia monárquica do sumo pontífice, de modo que impuseram ao papa Paulo VI a anexação de uma “nota explicativa” ao documento que deixasse claro o que se queria dizer por colegialidade. Dessa forma, *Lumen Gentium* foi o único documento conciliar que recebeu um anexo, não votado pelos bispos, mas somente com a assinatura do secretário-geral do concílio. O importante é que, entre a letra e o espírito, há sempre um espaço possível para a ação do Espírito Santo na Igreja. Por

* Mestre em Práxis Cristã pela Faje (Belo Horizonte), é diretor-executivo do Ista – Instituto São Tomás de Aquino (Belo Horizonte), pároco e professor de teologia. Foi assessor da CNBB (por dez anos) e da Organização dos Seminários Latino-Americanos, do Celam (Bogotá).
E-mail: manologodoy@terra.com.br



consequente, logo após o concílio, as formas colegiadas ganharam vigor e muitas experiências bonitas aconteceram. As conferências episcopais ganharam força; os diversos conselhos em âmbito diocesano, paroquial e comunitário também. O povo começou a se sentir verdadeiramente Igreja e a sair da passividade de séculos. Nas primeiras Campanhas da Fraternidade no Brasil, os lemas e os objetivos sempre lembravam a todos o sentido comunitário da Igreja. Na primeira, em 1964, o lema era: “Lembre-se: você também é Igreja”; em 1965: “Faça da sua paróquia uma comunidade de fé, culto e amor”; em 1966, embora não houvesse lema, o objetivo da campanha assim dizia: “Reavivar nos fiéis a consciência de que são membros do povo de Deus, corresponsáveis por toda a comunidade da Igreja local, diocesana, nacional e universal, e chamados a servir todos os homens, especialmente os pobres”.

Com esse espírito, a Igreja no Brasil promoveu, na década de 1970, uma proliferação – sem igual na sua história – de comunidades eclesiais de base. Abandonou a mania de grandes construções e fomentou a multiplicação de centros comunitários por toda parte. Essa metodologia eclesial favoreceu o surgimento de inúmeras lideranças leigas para a Igreja e para a construção de uma nova sociedade.

Grupos de rua: experiência concreta de colegialidade

Entre as experiências de participação colegiada, nasceram os círculos bíblicos, os grupos de reflexão, os grupos de rua, de quarteirão e outros. Verdadeiras sementes de novas CEBs. Essa estrutura circular começava a fazer frente à rígida estrutura piramidal da Igreja. Fortaleciam-se os conselhos, onde o exercício da cole-

gialidade ganhava mais espaço de fraternidade e corresponsabilidade na Igreja. Segundo o *site* da Wikipédia, colegialidade é, em sentido abrangente, a reunião de pares para tomada de decisões, com igual peso dos votantes. É claro que, em questões de doutrina, o clero continuava com o poder de veto, mas a vida das comunidades não gira somente em torno disso. É muito mais. Geralmente, em questões de orientação pastoral prática, a colegialidade ia ganhando terreno fértil nas comunidades.

Não demorou muito para emergirem os ataques a essa experiência. O pontificado do beato João Paulo II foi francamente desfavorável a esse exercício do poder eclesial. Ele, partindo da realidade da Igreja europeia, já não acreditava na estrutura paroquial e passou a incentivar os novos movimentos, tendo

como estratégia fazer a Igreja sair em busca dos afastados. De fato, os novos movimentos se mostravam, na Europa, muito mais dinâmicos e flexíveis para assumir o projeto da nova evangelização. Esses movimentos também se enquadravam melhor na proposta de centralização do poder eclesial, pois funcionavam como verdadeiros braços do papa por todas as regiões do mundo. Exemplo claro é o do Opus Dei, que, como prelazia pessoal, deve obediência direta ao papa e não depende em nada das demais organizações eclesiais. Porém, na América Latina e, sobretudo, no Brasil, as paróquias estavam se abrindo à experiência das comunidades e dos diversos grupos de reflexão, fortalecendo uma eclesiologia de comunhão e participação, como apregoeou Puebla. Os teólogos que aprofundavam essa eclesiologia foram duramente perseguidos, assim como os que aderiam ao método da Teologia da Libertação e apoiavam a vivência das CEBs. É interessante observar que os ataques a esse modo de gover-

“Os ataques a esse modo de governar a Igreja partia de quem percebia que dessa forma surgiria nova maneira de ser Igreja: mais fraterna, mais humana, descentralizada e menos burocrática.”



nar a Igreja partia de quem percebia que dessa forma surgiria nova maneira de ser Igreja: mais fraterna, mais humana, descentralizada e menos burocrática. Na ótica dos que se opunham ao princípio da colegialidade, este cria na Igreja um poder policêntrico, enfraquecendo o poder central do papa. Afirmam eles:

Na verdade, neste momento, duas entidades paralelas existem para o governo da Igreja. Por um lado, a autoridade hierárquica divinamente instituída, expressa através do papa e das congregações romanas sobre toda a Igreja, os bispos em suas dioceses e os padres em suas paróquias. Por outro lado, está a autoridade revolucionária e democrática, uma criação humana imposta desde o Vaticano II, segundo a qual o colégio episcopal também tem autoridade para governar toda a Igreja, as conferências episcopais de cada país também têm autoridade para dizer aos bispos como governar suas dioceses, o conselho presbiteral também contrabalança e limita a autoridade do bispo em sua diocese e o conselho paroquial toma as decisões importantes no governo da paróquia.¹

É exatamente aí que está a riqueza da colegialidade: quebrar o poder monárquico e fazer valer a voz de todos os batizados, nas mais diversas esferas eclesiais. Resgata-se assim, de forma genuína, o evangelho, onde Jesus deixa claro que a única hierarquia que deve haver entre irmãos é a do serviço. Não é palavra revelada o que lemos: “Quem quer ser o maior, o primeiro, seja o servidor de todos, seja o último”? A própria *Lumen Gentium* reconhece que o múnus de ligar e desligar dado a Pedro em Mateus 16 foi dado também ao colégio em Mateus 18 e 26,18-20.² Os diversos grupos e círculos, com maior contato com a Palavra de

Deus, iam adquirindo o espírito de fraternidade, a consciência de que o poder na Igreja não podia ser exercido da mesma forma que o fazem os poderosos na sociedade civil. Como lemos em Marcos, Jesus apresenta uma avaliação dos governantes do império romano: “Os que são reconhecidos como chefes utilizam o seu poder para tyrannizar os povos, e os grandes não fazem outra coisa senão oprimir os seus súditos”. Então Jesus, olhando para os seus discípulos, lhes disse: “Mas, entre vocês, não deverá ser assim” (Mc 10,35-45).

Na América Latina, a experiência vivida nos círculos bíblicos ou grupos de rua revela que essas iniciativas da base foram geradoras de inúmeras comunidades. Estas já nasciam no espírito da colegialidade, segundo o qual todos participavam e se sentiam corresponsáveis pela comunidade. Portanto, se quisermos uma Igreja nova, com paróquias renovadas, como rede de comunidades ou comunidade de comunidades, precisamos multiplicar os pequenos grupos de cristãos que, em torno da Palavra de Deus, se unem e se reúnem para iluminar sua prática inspirados pela pergunta de fundo: “O que faria Jesus se estivesse em nosso lugar?”. Conhecendo cada vez mais a prática de Jesus, os cristãos vão construindo a própria vida e orientando suas ações por tudo o que Jesus falou e fez. Essa simples experiência vivida nos grupos de rua é semente de nova liderança nas comunidades.

Grupos de rua: espaço de formação de novas lideranças

Quanto mais uma pessoa se identifica com seu grupo, quanto mais se sente motivada a exercer sua liderança, melhor percebe a necessidade de mais formação, maior conhecimento da vida de Jesus, dos evangelhos e de outros instrumentos para analisar a realidade social que a cerca; melhor percebe que uma leitura superficial e fundamentalista da Bíblia não corresponde às necessidades reais suas e de seus irmãos e irmãs; melhor percebe que essa Palavra, para iluminar sua vida e

1 <<http://www.fsspx.com.br/exe2/o-que-e-a-colegialidade/>>, artigo assinado pelo Rev. Pe. Peter R. Scott (acesso em: 22 abr. 2013).

2 Cf. *Lumen Gentium*, n. 22.



a de seu grupo, precisa ser confrontada com a realidade social, política e cultural que a cerca. Por isso, a colegialidade vivida nos grupos de rua serve também para fazer surgir inúmeras iniciativas no campo da formação, para um bom exercício da liderança no próprio grupo, na comunidade maior e também na sociedade, nas lutas em resgate da cidadania civil e cristã. O ministério da coordenação de grupos de rua é por demais exigente, sério e comprometedor. Basta imaginar que daí pode estar surgindo uma nova comunidade, a exemplo das primeiras comunidades que aparecem no Novo Testamento. Vejamos o esquema do nascimento da comunidade de Filipos e o comparemos com o surgimento de inúmeras comunidades eclesiais de base. Paulo e Timóteo, passando por Filipos, não encontram sinagoga e, procurando por um lugar de oração, descobrem um grupo de mulheres à beira do rio; a elas anunciam a boa-nova e uma delas os hospeda em sua casa, recebe o batismo e daí nasce a primeira comunidade cristã na Europa (cf. At 16,11-15). Aquilo que nasce tão espontaneamente precisa depois de aprofundamento no conhecimento da proposta do ser cristão no mundo, no seguimento de Jesus. É preciso, então, evitar toda e qualquer acomodação; ir atrás de formação para melhorar, cada vez mais, a participação nos processos de agrupar mais pessoas em torno do projeto de evangelização transformadora, em vista do anúncio e antecipação do Reino.

Foi, portanto, nas casas daqueles que aceitaram o seguimento de Jesus que nossa Igreja nasceu. E é exatamente esse o elo que une a experiência primitiva e a de tantos grupos de rua: ser Igreja de casa em

casa, Igreja que vai ao encontro das pessoas lá onde elas vivem o seu dia a dia. A casa se configura como espaço privilegiado de evangelização, lugar propício da experiência com Jesus, o qual impele os que

a fazem a passar a boa-nova para a frente (Mt 8,14; Lc 10,38; 19,5). Era nas casas que acontecia a celebração da ceia, onde se mantinha viva a memória do Ressuscitado (Lc 22,11-12; Mt 26,18). E a experiência da *didaskalia*, isto é, do ensinamento, da formação, também se dava nas casas (Mt 13,36; Mc

16,14; At 1,13-14; 2,1.42-47; 16,14-15.32-34; 18,7-8; 20,20). Os grupos de rua, nos moldes de hoje, configuram-se como Igreja nas casas, Igreja de casa em casa, semente de novas comunidades e fonte geradora de novas lideranças.

Fundamentos teológicos para os grupos de rua

Lemos na carta aos Efésios, atribuída ao apóstolo Paulo:

Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós. Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo (Ef 4,1-7).

**“Os grupos de rua,
nos moldes de hoje,
configuram-se como
Igreja nas casas, Igreja de
casa em casa, semente
de novas comunidades e
fonte geradora de novas
lideranças.”**



Cada cristão que participa de um grupo de rua tem a oportunidade de fazer essa experiência de unidade profunda, por motivações de fé. No meio de uma sociedade onde vigora a rivalidade, a competitividade, somos chamados a aprender a conviver com o diferente, com o outro, experimentando no dia a dia os frutos do Espírito. “Como bons administradores da multiforme graça de Deus, cada um coloque à disposição dos outros o dom que recebeu” (1Pd 4,10). Como afirma o filósofo francês, nascido numa família judaica, Emmanuel Lévinas: é no face a face humano que irrompe todo sentido; diante do rosto do outro, as pessoas se descobrem responsáveis e lhes vem à mente o Infinito. Também afirma: quando o rosto do outro irrompe à minha frente, nele eu vejo escrito: não matarás! Os grupos de rua, ao contrário da vida massificada e individualista a que somos submetidos em outras instâncias, possibilitam esse face a face com nossos irmãos e irmãs.

Podemos, de fato, pôr em prática as recomendações de uma vida solidária que o apóstolo Paulo deu aos cristãos da cidade de Roma:

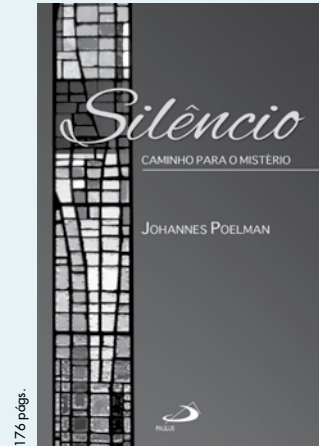
O amor seja sincero. Detestai o mal, apegai-vos ao bem. Que o amor fraterno vos una uns aos outros, com terna afeição, rivalizando-vos em atenções recíprocas. Sede zelosos e diligentes, fervorosos de espírito, servindo sempre ao Senhor, alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração. Praticai a hospitalidade. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal pelo bem (Rm 12,9-12.13b.15.21).

Uma comunidade eclesial formada por inúmeros grupos de rua tem as características reais de verdadeira comunidade cristã, pois os valores e princípios do cristianismo são mais bem internalizados quando vividos em grupos menores.

Silêncio

Caminho para o Mistério

Johannes Poelman



O livro faz reflexões sobre o silêncio, que não se trata apenas do não falar e não pensar, mas de calar todas as vozes exteriores e interiores, para, então, poder ouvir e seguir a Palavra, o Verbo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Perspectivas novas para os grupos de rua no pontificado do papa Francisco

Ao se apresentar como bispo de Roma, o papa Francisco retoma o documento *Lumen Gentium*, quando este desenvolve a teologia da Igreja local, ponto fundamental para o exercício da colegialidade na Igreja. Assim diz o concílio:

O bispo, distinguido pela plenitude do sacramento da ordem, é o administrador da graça do sacerdócio supremo, principalmente na eucaristia, que ele mesmo oferece ou cuida que seja oferecida, e pela qual continuamente a Igreja vive e cresce. Essa Igreja de Cristo

está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, que, unidas com seus pastores, são também elas, no Novo Testamento, chamadas igrejas. Nessas comunidades, embora muitas vezes pequenas e pobres, ou vivendo na dispersão, está presente Cristo, por cuja virtude se consocia a Igreja una, santa, católica e apostólica (LG 26).

Outra atitude do novo papa que vai na mesma direção é a nomeação de uma equipe de cardeais para assessorá-lo na reforma da Cúria romana. Isso é inédito no governo papal, que sempre tem agido só ou junto com a própria Cúria. Este organismo da Igreja tem sido apontado como responsável pela atual crise de credibilidade que assola a instituição católica. Bem recentemente, na missa do dia 16 de abril, o papa Francisco, discorrendo sobre a recepção do Concílio Vaticano II, disse que o grande problema é que ainda há muitos “cabeçudos” na Igreja. Para explicar

melhor o que significa ter cabeça dura, o papa fez referência aos discípulos de Emaús: “cabeças duras e de coração duro para acreditar em tudo aquilo que os profetas falaram!” (Lc 24,25). E no domingo do dia 21 de abril, na ordenação de dez jovens, ele alertou:

Exercitai na alegria e na caridade sincera a obra sacerdotal de Cristo, determinados unicamente a agradecer a Deus, e não

a vós mesmos. Sede pastores, não funcionários! Sede mediadores, não intermediários. Peço-vos em nome de Cristo e da Igreja, por favor, não vos canseis de ser misericordiosos. Oferecei a todos a palavra de Deus que vós próprios recebestes com alegria. Lembrai-vos das vossas mães, avós, catequistas, que vos deram a palavra de Deus, a

fé. Tende sempre diante dos olhos o exemplo do Bom Pastor, que veio para servir, não para ser servido, e procurar os que estavam perdidos.

Esses sinais do papa Francisco, somados a tantas outras palavras e demonstrações de simplicidade e desejo de caminhar junto, retomam o melhor da mística cristã e da tradição sinodal da Igreja.

À luz disso tudo, podemos, agora, retomar também nossa experiência de Igreja nas bases, por meio de grupos, comunidades, círculos, abandonando a mentalidade triunfante de megaconstruções, de multiplicação de santuários; por meio da volta à ética, sem excessiva preocupação com a estética. Igreja em ponto menor, onde a fraternidade é real, e o conhecimento mútuo, a regra. Recriar nos tempos de hoje a experiência dos primeiros, entre os quais não existia fome nem discriminação social, étnica ou de gênero (cf. Gl 3,27-28).

“Esses sinais do papa Francisco, somados a tantas outras palavras e demonstrações de simplicidade e desejo de caminhar junto, retomam o melhor da mística cristã e da tradição sinodal da Igreja.”



É claro que teremos de conviver com uma montanha de contrapropostas nascidas nos dois últimos pontificados. Foram mais de três décadas de incentivo a grupos muito estranhos, tais como os Legionários de Cristo, os Arautos do Evangelho, o Sodalício de Vida Cristã com seus ramos: Associação de Maria Imaculada para Mulheres (1974), Movimento de Vida Cristã (1985), Fraternidade Mariana da Reconciliação (1991), Irmandade Nossa Senhora da Reconciliação (1995), Servas do Plano de Deus (1998) e outros.

Numa palavra, podemos dizer que, até o momento, o papa Francisco tem aberto novas portas para a recepção do Concílio Vaticano II, mas esta nova fase conciliar terá de sobreviver em meio a muito conservadorismo acumulado nas últimas décadas.

Grupos de rua e as coisas práticas para sua vivência e multiplicação

Precisamos, urgentemente, trabalhar as motivações para a criação e multiplicação de grupos de rua. As motivações emergem, em primeiro lugar, das necessidades da evangelização, porém não se podem desprezar as motivações humanas, sociais e políticas a fim de fomentar a nova sociedade que queremos, como sinal do Reino querido por Jesus. Recentemente a CNBB se debruçou sobre a necessária conversão pastoral em vista do fomento a novas modalidades paroquiais. As paróquias nunca mudarão se ficarem sob o velho esquema de centralismo burocrático, modelo muito usual nos dias de hoje. Os grupos de rua poderão dar novo dinamismo às paróquias, descentralizando todos os serviços e ministérios e, sobretudo, tirando o foco do processo evangelizador da figura do clero e tornando a Igreja toda mais laical.

Fundamental para isso é ter clareza do que é um grupo de rua e de quais são suas atribuições. Esses grupos se formam em torno de algumas tarefas bem claras: refletir, rezar e agir. Refletem sobre a vida do dia a dia, sob a ilumi-

São Tarcísio

Novena

Antônio Lúcio da Silva Lima (org.)



Esse opúsculo é uma excelente contribuição aos católicos que desejam saber mais sobre São Tarcísio e acompanhar a sua novena. São Tarcísio é Mártir da Eucaristia, Patrono dos coroinhas, acólitos e Ministros Extraordinários da Eucaristia.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





nação da Palavra de Deus. Vida e Bíblia caminham juntas no dia a dia dos grupos de rua. Rezam de um modo novo, pois falam com Deus, por meio de orações e cantos, expondo a própria vida, com tudo o que emergiu do momento da reflexão. Agem, pois entendem que a reflexão e a oração os levam a assumir compromissos concretos com todas as necessidades dos irmãos e irmãs, sejam elas religiosas, políticas, sociais, morais e outras.

Para a multiplicação dos grupos de rua, é preciso também desenvolver estratégias de acordo com a realidade local. Pode-se começar organizando a paróquia em setores, formando pequenos conselhos ou equipes especiais. Para esse primeiro passo, pode-se partir do levantamento dos endereços dos

fiéis que costumam participar da missa; com a ajuda deles, procuram-se casas dispostas a se abrir para a experiência dos grupos de rua.

Na maioria das experiências que conhecemos, são as mulheres que começam e animam os grupos de rua; porém é bom deixar claro que eles estão abertos à participação da família toda, homens, mulheres, jovens e crianças. É fundamental que esses grupos não pratiquem nenhum tipo de discriminação.

Quanto à periodicidade, cada grupo decidirá com seus membros; porém é importante que se disponha a reunir-se pelo menos duas vezes ao mês. Em certas ocasiões será preciso intensificar ainda mais os encontros, por causa de algumas necessidades

pontuais. E quanto ao local dos encontros, há duas experiências mais comuns: rodízio nas casas dos membros ou um espaço fixo, tal como uma garagem ou o cômodo um pouco maior de alguma casa.

É importante também que os membros dos grupos de rua exercitem sua liderança na comunidade maior, na paróquia, nos movimentos do bairro e outros lugares. Pastoral e ministérios laicais caminham juntos. Uma pastoral é mais dinâmica à medida que mais ministérios vão surgindo.

Isso porque uma liderança autêntica multiplica lideranças. O espaço maior – comunidades e paróquias – também serve como suporte para a formação, aprofundamento e exercício de outros ministérios que transcendem os grupos de rua. Esse espaço

também é importante para que os grupos não se fechem, pois a comunhão com outros grupos é que garante a sua eclesialidade.

Como muito já se falou, esses grupos de rua, círculos bíblicos ou grupos de reflexão constituem sementes de novas comunidades. Quando uma paróquia se torna grande sementeira, pode-se pensar no modelo de comunidade de comunidades ou rede de comunidades. Tudo começa pelo pequeno, pela base, pelo simples, como o ditado africano usado por dom Moacyr Grechi no 12º Intereclesial de CEBs: “Gente simples, fazendo coisas pequenas em lugares pouco importantes, quando unidos, fazem coisas extraordinárias”. ●

**“Como muito já se falou,
esses grupos de rua,
círculos bíblicos ou grupos
de reflexão constituem
sementes de novas
comunidades.”**

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje – BH), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou por alguns anos. Atualmente, leciona na Faculdade Católica de Fortaleza. É autora do livro *Eis que faço novas todas as coisas – teologia apocalíptica* (Paulinas).
E-mail: aylanj@gmail.com



Aíla Luzia Pinheiro Andrade, nj*

(1º de janeiro)

Santa Maria, Mãe de Deus “nascido de mulher” para nos tornar filhos de Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

“Deram-lhe o nome de Jesus, como fora chamado pelo anjo” (Lc 2,21). Essa afirmação do Evangelho de Lucas harmoniza-se com a primeira leitura: “assim invocarão o meu nome... e eu os abençoarei” (Nm 6,27). Essa bênção, reservada outrora ao povo de Israel, estende-se agora a todos os povos por intermédio de Jesus, o Filho de Deus “nascido de mulher” (Gl 4,4). Em Jesus, a face de Deus (Nm 6,25-26) está voltada para o ser humano. Porque é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Jesus viveu integralmente a humanidade e a



elevou à mais alta dignidade de filiação divina. Por sua encarnação, participou em tudo da condição humana, para que o ser humano participasse em tudo da condição divina por sua ressurreição.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Lc 2, 16-21): Foi-lhe dado o nome de Jesus

As promessas de Deus haviam sido feitas a pastores, tais como Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Davi e outros. Por isso os anjos anunciavam o cumprimento dessas promessas aos pastores, nos arredores de Belém. O evangelho destaca o sinal da salvação: o recém-nascido está na manjedoura, lugar onde é posto o alimento. Jesus, desde o início, vem ao mundo como alimento, e o lugar do reconhecimento do Salvador dá-se na eucaristia, fonte e ápice da vida cristã.

Com a circuncisão, Jesus é inserido na comunidade judaica e na primeira aliança. Isso significa que Jesus não é um mito, mas participa em tudo da realidade histórica, é alguém inserido no mundo e sujeito às suas leis.

“Deram-lhe o nome de JESUS, como lhe chamara o anjo” (v. 21). É o próprio Deus, e não os seres humanos, quem dá o nome Jesus (Salvador), e com isso o evangelho assegura que todas as promessas feitas a Israel agora foram realizadas, o tempo da espera pelo Messias terminou.

2. I leitura (Nm 6,22-27): “Porão o meu nome sobre os filhos de Israel”

O livro dos Números certifica aos sacerdotes levitas que, ao pronunciarem essa bên-

ção, o nome de Deus estará sobre os filhos de Israel (6,27). Era nessa ocasião que os sacerdotes tinham a permissão de pronunciar o nome de Deus dentro do templo de Jerusalém. Com a destruição do templo, o nome de Deus deixou de ser pronunciado e foi substituído pelo termo “Senhor”.

“O SENHOR te abençoe e te guarde” (v. 24). “Abençoar”, na cultura de Israel, inclui almejar todo tipo de coisas boas, sejam materiais, sentimentais, sociais, espirituais. “Guardar” se refere à proteção de Deus. “Fazer resplandecer a face” (v. 25) significa lançar um olhar favorável. “Mostrar a face” (v. 26) quer dizer fixar a atenção em alguém com um propósito benevolente, em contraste com a angústia experimentada quando Deus esconde o rosto.

O último pedido, para que Deus conceda a paz (*shalom*), é o mais importante de todos. Em hebraico, *shalom* significa muito mais que a ausência de conflitos, mas inclui todo tipo de bem-estar, entre os quais a salvação.

Então, a bênção de Nm 6,22-27 nos apresenta Deus como um Pai bondoso que deseja dar tudo o que é bom ao ser humano, também a salvação, que é seu próprio Filho, Jesus.

3. II leitura (Gl 4,4-7): O Espírito clama em nós: Abba, Pai!

Paulo utiliza uma alegoria para falar sobre nossa participação na filiação divina. Na Antiguidade, ainda que potencialmente um menino fosse o herdeiro da família, não poderia exercer a plena liberdade e autonomia de um adulto enquanto não adquirisse a idade previamente estabelecida pelo pai.

Em se tratando de um órfão, era comum o recurso a um curador (v. 2) ou tutor que representasse legalmente o menor até que este alcançasse a maioridade. Durante o período da menoridade, o herdeiro não usufruía totalmente da herança.

Na alegoria de Paulo, algo semelhante se



verificou com a humanidade antes da encarnação, morte e ressurreição de Jesus. Quando se completou o tempo previamente estabelecido pelo Pai, o Filho de Deus nasceu de uma mulher (tornou-se humano) para elevar a humanidade inteira à maioridade e pleno usufruto da herança eterna que é a filiação divina.

Jesus nasceu submisso à lei para redimir os que estavam sob a lei da menoridade e assim elevá-los a uma relação superior, a adoção de filhos com plenos direitos de cidadania no Reino de Deus.

Paulo afirma que o Espírito foi enviado após o Cristo. Isso significa que a Trindade está envolvida na realização da filiação divina do ser humano. É pelo Espírito do Ressuscitado que o cristão clama *Abba*. No idioma aramaico, a palavra *Abba* significa “Pai”. Jesus usava esse termo quando se referia a Deus, e agora também nós o podemos usar porque, pelo Espírito de Cristo, somos herdeiros de todas as bênçãos recapituladas na salvação integral do ser humano.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A homilia deve ter um viés cristológico e soteriológico, ou seja, a ênfase deve estar no mistério da encarnação em vista da salvação do ser humano. Uma homilia exageradamente devocional a Maria tira a liturgia de seu eixo principal. O objetivo do Filho de Deus ao tornar-se humano foi nos tornar filhos de Deus. Maria colabora nesse mistério da salvação como modelo do perfeito discípulo que penetra o mistério de maneira mais íntima, associando-se a seu Filho, servindo-o no mistério da redenção (LG 56). A filiação divina resulta na exigência de que se viva o cotidiano de acordo com a vontade do Pai, a exemplo de Maria, que obedecia a Deus mesmo quando não compreendia totalmente a vontade dele.

Bem-aventurada Francisca de Paula de Jesus - Nhá Chica

Novena

Antônio Lúcio da Silva Lima (org.)



A obra conta uma breve história de Nhá Chica, seu nascimento, o milagre que a levou a ser beatificada e sua novena. Traz orações, salmos e hinos e, ao final, a nota oficial da CNBB sobre a sua beatificação.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





EPIFANIA DO SENHOR

5 de janeiro)

As nações se encaminham para a luz

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na liturgia da solenidade de Maria, Mãe de Deus, o enfoque estava na humanidade de Jesus; hoje celebramos a manifestação e o reconhecimento de sua divindade. O que celebramos na liturgia é o que esperamos: que todos os povos reconheçam e adorem em Jesus o Deus de Israel. A primeira leitura anuncia a vocação das nações à fé no Deus vivo e verdadeiro. No evangelho, vemos em torno de Jesus os magos (sábios do Oriente), como representantes de todos os povos, para prestar-lhe homenagem e adoração. Na humildade do ambiente onde se encontra o menino, deve-se reconhecer a luz da salvação oferecida por Deus a todos os seres humanos. Também Paulo fala desse grandioso mistério que ele mesmo teve a missão de anunciar: os gentios são chamados a formar o mesmo corpo, isto é, a ser participantes da mesma promessa anteriormente destinada apenas a Israel. É na luz de Jesus que caminham os cristãos e é para essa luz que deve se encaminhar toda a humanidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 2,1-12): Vimos sua estrela e viemos adorá-lo

Epifania significa literalmente manifestação. Nesta solenidade, a liturgia nos apresenta

a manifestação da universalidade da salvação realizada em Cristo. Jesus, o rei dos judeus, é adorado pelos magos (sábios do Oriente), representantes de todos os povos. Isso significa que a promessa feita primeiramente a Israel atinge agora a todos os que acolhem o Cristo.

Na época em que foi escrito o Novo Testamento, os povos ainda eram politeístas (adoravam muitos deuses). Por isso se usava a metáfora de que as nações caminhavam nas trevas, enquanto Israel era orientado pela luz da Escritura.

Com a entrada de Jesus na história, a palavra de Deus incultura-se. O evangelho afirma que alguns sábios estrangeiros (do Oriente) viram a estrela e a seguiram. Isso significa que Deus se valeu da admiração que os astros exerciam sobre as nações politeístas e as guiou para o Cristo. Os sábios orientais enfrentaram um caminho desconhecido e encontraram o menino, a verdadeira luz, da qual a estrela era apenas um sinal. Os sábios se deixaram guiar e encontraram um menino muito mais humilde e também mais importante do que pensaram. Depois daquele encontro, eles percorreram outro caminho, não mais guiados por um corpo estelar, mas pela estrela de Davi, o Messias. Seguiram o caminho indicado por Deus, o caminho que é a verdade e a vida, o próprio Jesus.

O evangelho afirma que os mestres (ou sábios) judeus tinham conhecimento até do local onde deveria nascer o Messias descendente de Davi. Mas, apesar de serem os primeiros destinatários das promessas de Deus, aqueles mestres de Jerusalém não acolheram a luz verdadeira que é Jesus. Foi necessário que sábios estrangeiros viessem do Oriente para lhes anunciar (orientar sobre) a chegada do Messias de Israel, quando, ao contrário, Israel é que deveria orientar as nações para Deus.

2. I leitura (Is 60,1-6): As nações caminharão na tua luz

Quando o povo de Israel foi expulso da Terra Prometida e se dispersou pelo mun-



do, sentia-se mergulhado nas trevas das nações politeístas e violentas. Mas, apesar dessas circunstâncias, o profeta vê um final glorioso: quando tudo parecer desmoronar e dissolver-se na escuridão, a glória de Deus será refletida por meio de Israel e iluminará as nações, que começarão a andar na luz do amanhecer de um novo tempo.

O profeta está convencido de que os judeus retornarão para a Terra Prometida e de que as nações nas quais eles estavam dispersos verão a glória de Deus refletida no povo de Israel e então também elas se encaminharão para Jerusalém. Israel será como um oceano de luz para as nações antes imersas nas trevas do politeísmo.

3. II leitura (Ef 3,2-3a.5-6): Em Cristo, os gentios participam da promessa

Paulo afirma ter recebido um encargo sagrado (v. 3): foi-lhe conferida a graça de proclamar o evangelho aos gentios, ou seja, aos não judeus.

O apóstolo insiste que sua atividade missionária entre os gentios não foi uma decisão pessoal. Dar a conhecer o evangelho a todas as nações foi um ato poderoso de Deus em seu plano eterno de salvação da humanidade. Coube a Paulo a docilidade e a fidelidade ao chamado divino.

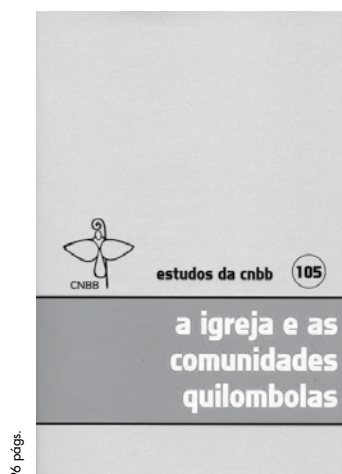
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O enfoque da liturgia de hoje *não* está na devoção aos magos, mas sim na manifestação da divindade de Jesus e no apelo à missão.

Quem vê a luz da estrela deve pôr-se a caminho. Solicitude e prontidão são as atitudes dos magos e do apóstolo Paulo, que servem de exemplo aos cristãos de nosso tempo.

A Igreja e as comunidades quilombolas

CNBB



Nesta publicação, a CNBB deseja partilhar com todas as comunidades eclesiais e grupos sociais a realidade de nossas comunidades quilombolas. Pretende suscitar contribuições de estudiosos, dos quilombolas, das igrejas particulares, para o aprimoramento do estudo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





No hoje de nossa existência, faz-se necessário reconhecer a luz de Cristo numa sociedade dividida na pluralidade de tantas luzes que apontam para várias direções, mas nem sempre refletem a luz inextinguível que é o Cristo.

Para que as pessoas de hoje possam adorar o Deus vivo e verdadeiro, é necessário que os cristãos saiam do comodismo e individualismo e, por meio da missão e do testemunho de vida, façam brilhar para o mundo a “estrela de Davi”, o Filho de Deus.

BATISMO DO SENHOR

12 de janeiro

Este é o meu filho amado, em quem me comprazo

I. INTRODUÇÃO GERAL

A profecia de Isaías sobre o Servo de Deus é prefiguração da vida de Jesus, o Servo por excelência, totalmente consagrado a Deus para salvar o gênero humano. O evangelho substitui a expressão “meu servo”, da primeira leitura, pela proclamação “meu Filho amado” para indicar a natureza divina de Cristo. O Pai e o Espírito Santo garantem a identidade de Jesus como Filho de Deus e o apresentam aos seres humanos, destinatários da salvação. As palavras de Pedro, no discurso a Cornélio, fazem eco às palavras de Isaías e às do evangelho: Jesus foi ungido por Deus com o Espírito Santo (At 10,38). Em todos os textos bíblicos da liturgia de hoje se afirma que Jesus é totalmente guiado pelo Espírito Santo no cumprimento de sua missão.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 3,13-17): O Espírito de Deus veio sobre ele

Jesus é o Messias, Filho de Deus. João Batista é seu precursor. Da mesma forma, o batismo praticado por João é uma prefiguração do batismo cristão. O batismo de João convocava para o arrependimento e para a conversão. Jesus, sendo justo, não precisava ser batizado por João. No entanto, quis cumprir toda a justiça, ou seja, quis realizar integralmente a vontade do Pai: elevar o ser humano pecador à filiação divina. Com o mergulho nas águas do rio Jordão, o Filho de Deus solidarizou-se com a humanidade pecadora para resgatá-la do pecado e elevá-la à condição de filha de Deus. Em sentido inverso, cada batizado solidariza-se com a vida de Jesus e deve seguir o mesmo caminho de entrega total por amor. Uma entrega de si mesmo, que é o reflexo da entrega do Pai à humanidade para salvá-la do pecado, do egoísmo e do desamor. Na vivência do batismo se realiza a vocação humana do amor a Deus e do amor ao próximo.

2. I leitura (Is 42,1-4.6-7): Sobre ele está o meu Espírito

O Servo de Deus, nesse texto de Isaías, é uma personificação de Israel, cuja missão era levar para as nações a justiça e o direito. Isso significa que o povo de Israel estava destinado a exteriorizar a justiça e o direito entesourados nas Sagradas Escrituras e fazer deles um patrimônio das demais nações da terra. Essa missão deveria ser realizada sem a utilização do poder tirânico, comum aos grandes impérios mundiais; a influência de Israel sobre as nações deveria libertá-las da cegueira espiritual e das trevas da idolatria. O Espírito de Deus, agindo no Servo (Israel), possibilitaria a efetivação dessa missão – ou seja, a transmissão



das Sagradas Escrituras, até que estas fossem postas em prática por todas as nações. As Sagradas Escrituras seriam o caminho para que os povos chegassem até Deus.

A releitura cristã desse texto bíblico viu em Jesus o pleno cumprimento da vocação de Israel.

3. II leitura (At 10,34-38): Deus o ungiu com o Espírito Santo e com poder

Pedro começou seu discurso na casa de Cornélio (primeiro gentio convertido à fé cristã) reconhecendo as intervenções divinas que o levaram a entender claramente como a salvação foi destinada a todos os povos.

Pedro deu-se conta de que Deus não faz distinção de pessoas. Esse foi um grande passo na compreensão humana da revelação divina. Que Deus ama todas as pessoas e deseja ser adorado por todas as gentes já estava claro para os seguidores de Jesus. Mas até aquele momento se pensava que, se um gentio quisesse seguir Jesus, deveria primeiramente converter-se ao judaísmo para depois ter acesso à salvação. O discurso na casa de Cornélio mostra que Pedro chegou à conclusão de que a mensagem e obra de Jesus estão destinadas a todos, sem exceção. Digna de destaque é a afirmação de que Deus ungiu Jesus “com o Espírito Santo e com poder”: isso significa a chegada do Reino de fraternidade e paz a todos os povos. Os milagres e exorcismos realizados sob a unção do Espírito do Cristo ressuscitado são sinais que atestam a instauração desse Reino na história.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O foco da homilia deve ser a vida cristã sob a ação do Espírito Santo, que nos faz filhos e filhas de Deus. Jesus disse a João: “Convém que cumpramos toda justiça” (Mt

Família

Fundamento da vida

João Carduci



Este trabalho será de muita utilidade para casais que se preparam para o matrimônio, assim como para aqueles que buscam o aperfeiçoamento e o aprofundamento na relação conjugal e, certamente, elementos para a educação dos filhos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



3,15). No sentido bíblico, “justiça” significa “ajustar-se à vontade de Deus”. A justiça que Jesus deseja é o cumprimento perfeito da vontade do Pai. A condição indispensável ao cristão para viver o batismo é deixar-se conduzir pelo Espírito Santo, buscando em tudo a vontade de Deus. A vivência do batismo cristão se efetiva principalmente na luta pela implantação da fraternidade universal, em que todos são filhos do mesmo Pai. Mas a luta do cristão será baseada na não violência: sem “esmagar a cana quebrada” nem “apagar a mecha que ainda fuma” (Is 42,3). Essa luta se dará pela proclamação das exigências de implantação da justiça e do direito. Agindo assim, o cristão estará ajustado à missão do Filho muito amado no qual o Pai se compraz.

2º DOMINGO DO TEMPO COMUM

19 de janeiro

Chamados a ser santos

I. INTRODUÇÃO GERAL

A história da humanidade mostra que o pecado cavou um abismo entre o Criador e a criatura. A humanidade por si só não pode superar esse abismo. Para realizar o que era impossível ao ser humano, Deus prometeu um redentor. Jesus revelou que essa promessa, renovada através dos séculos, não se restringia apenas a Israel, mas almejava atingir a humanidade inteira. Paulo afirma na segunda leitura que todos são “chamados a ser santos” (1Cor 1,2). Isso só é possível porque o “Cordeiro de Deus”, ou seja, o consagrado por excelência, “tira o pecado do mundo”. Jesus associa cada ser humano à sua própria vida

como oferta ao Pai. O Deus santo e santificador aceita, em Jesus, a consagração da vida de cada pessoa. Dessa forma, supera a ruptura abissal entre Criador e criatura.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Jo 1,29-34): Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!

No evangelho de hoje, João dá testemunho sobre Jesus Cristo, o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. O batismo de Jesus apresenta-se como ocasião de sua manifestação a Israel.

O Antigo Testamento admite vários tipos de sacrifícios. Quando o israelita ofertava a si mesmo por meio do sacrifício de um cordeiro, acreditava que com esse rito entrava em comunhão com Deus. É nesse sentido que o evangelho nomeia Jesus como o “Cordeiro de Deus”. A vida de Jesus foi inteiramente consagrada ao Pai, pois sua existência terrena foi vivida em obediência amorosa à vontade divina. O Filho amado de Deus tornou-se humano para conduzir os seres humanos à amizade com Deus. Ele é o Cordeiro porque destrói de uma vez por todas a inimizade entre o Criador e a criatura, realizando entre ambos a comunhão plena.

Por seu batismo, prefiguração do batismo cristão, Jesus é ungido pelo Espírito Santo, que o conduzirá em sua missão. Esse mesmo Espírito que estava sobre Jesus é que foi dado aos cristãos. Isso significa que, pelo batismo, somos associados a Cristo para viver nossa consagração como oferta ao Pai. Quando a consagração baptismal é assumida numa verdadeira vida cristã, supera-se a ruptura entre o ser humano e seu criador.



2. I leitura (Is 49,3.5-6): Para que a salvação chegue até a extremidade da terra

Esse texto da primeira leitura da liturgia de hoje trata da missão universal do Servo de Deus.

Em primeiro lugar, no v. 3, o Servo é o povo de Israel personificado em um indivíduo. Mas no v. 5 ele recebe a missão de fazer Israel voltar a seu Deus e à Terra Prometida. Nesse caso, o texto se refere a outra pessoa, geralmente identificada como o Messias. Segue-se o v. 6, que afirma que não basta reconduzir Israel a Deus e à terra da promessa: o Servo tem de ser luz para as nações. Ele deverá cumprir o desígnio divino e a vocação de Israel, fazendo que os reis (os povos) adorem o Deus uno.

Os cristãos creem que o povo de Israel foi conduzido, por meio de uma série de acontecimentos históricos, até a consumação da redenção na pessoa de Jesus Cristo. Jesus realizou a missão do Servo, pois com Jesus a redenção foi estendida até os extremos da terra, ou seja, a todos os povos.

3. II leitura (1Cor 1,1-3): Aos santificados em Cristo Jesus

No v. 1, Paulo se identifica em primeiro lugar como “apóstolo”, isto é, o “enviado”. Esse termo define sua vocação e missão entre os gentios (os não judeus).

Em seguida, ao identificar os destinatários da carta, Paulo utiliza o vocábulo “Igreja”, cujo significado é “assembleia do povo congregado por Deus”. Por isso, os membros da Igreja são santos e eleitos.

Ao considerar uma comunidade cristã como povo de Deus, Paulo quer dizer que cada comunidade local condensa as características do povo de Deus em seu sentido mais amplo. Assim, a Igreja de Corinto é povo de Deus e grupo de santificados. Ou seja, é uma

Igreja

Comunhão viva

Paul Lakeland



O autor analisa questões que a Igreja deve abordar, tanto as que afetam a atuação interna da comunidade de fé quanto as que dizem respeito às suas relações com outros grupos, religiosos ou seculares.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





assembleia de pessoas consagradas a Deus. Tal consagração é obra de Deus mesmo em cada membro e na comunidade como tal. A santificação ou consagração das pessoas é realizada por meio de Cristo Jesus. Somente a obra redentora de Cristo pode haurir a santificação/consagração dos que formam a Igreja.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A ênfase da liturgia é a vocação para uma vida de santidade, isto é, para uma vida ofertada a Deus. Mas a santidade, em sentido cristão, é engajamento para transformação do mundo, e não uma busca do extraordinário ou fuga da realidade. Pelo batismo, somos associados à consagração (oferta) de Jesus e, à medida que o cristão consagra a própria vida como oferta, orientando todas as suas atividades, sem exceção, ao cumprimento da vontade do Pai, o pecado é tirado do mundo, ou seja, a rebeldia contra o plano de Deus cede lugar ao Reino de justiça e paz.

3º DOMINGO DO TEMPO COMUM

26 de janeiro

Vós sois a minha luz e a minha salvação

I. INTRODUÇÃO GERAL

Mateus, ao iniciar a narrativa da atividade apostólica de Jesus, viu a profecia de Isaías tornar-se realidade perante seus olhos. A luz que ilumina a Galileia e de lá se difunde para o mundo inteiro é Cristo e o Reino por ele anunciado. Cristo e o Reino são inseparáveis. O início da pregação de Jesus é que o Reino está próximo, não porque está chegando, como afirmava o Batista, mas porque está ali

ao lado, o Reino está em Jesus. A vocação dos apóstolos e a cura das enfermidades são sinais de que o Reino chegou e sua luz está se expandindo e dissipando as trevas do pecado e do mal. A resposta imediata e o generoso abandono das redes por parte dos primeiros discípulos significam que a propagação desse Reino é urgente. Na atividade missionária, há muitos carismas e ministérios que não devem ser concorrentes, pois a todos foi dado o mandato de anunciar o evangelho de formas diversificadas.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 4,12-23): O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz

O tema da luz, já mencionado na narrativa da infância de Jesus, continua aqui, no relato inicial de sua atividade na Galileia. A atuação pública de Jesus apresenta-se como realização das promessas de Deus para salvar seu povo. As cidades de Zabulon e Neftali, que no Antigo Testamento estavam dominadas pelos estrangeiros, representam agora a realização da profecia messiânica. Deus realiza a salvação prometida: uma luz surge onde há sombras e trevas, porque o Reino de Deus está próximo, está presente no Cristo.

Na atuação de Jesus na Galileia, cidade miscigenada por diversos povos que viviam nas trevas do pecado e do politeísmo, a luz começa a brilhar e se expandir, pois o Reino de Deus é anunciado. A cura dos enfermos testemunha a expansão desse Reino. Mas esse é só o início, pois o Reino deve ser anunciado a todos os povos. Por isso, o apelo de Jesus é forte, o chamado dos apóstolos é urgente. Para que a luz chegue a todas as nações, é necessário que os cristãos se empenhem em



responder prontamente ao chamado de Cristo, como fizeram os apóstolos, que, deixando suas redes de pesca, o seguiram.

2. I leitura (Is 8,23b-9,3): Aos que viviam na sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz

A Galileia era sempre a primeira região a sofrer os estragos provocados pelos impérios estrangeiros que guerreavam contra a terra de Israel. Isso porque era uma rota mais acessível que o deserto ou o mar Mediterrâneo.

Além de ser a primeira região a sofrer o ataque dos inimigos, a Galileia é a região por onde o povo de Israel foi deportado para o estrangeiro. Por isso, as expectativas messiânicas concentravam a atenção na Galileia como cenário da primeira manifestação da luz messiânica, já que seria a primeira região a receber a libertação, como antes tinha sido a primeira a experimentar a escravidão.

O “caminho do mar” ficava na região da Galileia. Era uma estrada entre a terra de Neftali (ao norte) e a terra de Zabulon (ao sul). Os judeus acreditavam que nessa estrada se manifestaria o Messias, trazendo de volta para a Terra Prometida os judeus dispersos pelo mundo. Essa região sombria, testemunha de tantos sofrimentos, converter-se-ia em cenário de alegria. Porque o centro (o poder) dos inimigos seria totalmente destruído pelo Messias. A vitória messiânica é apresentada em analogia com o “dia de Madiã”, quando Gedeão venceu o inimigo de modo excepcional (Jz 7,16-25).

3. II leitura (1Cor 1,10-13.17): Cristo me enviou para pregar o evangelho

Paulo agradece a Deus por não ter batizado nenhum coríntio. Isso não significa que desvalorize o batismo, mas apenas que recebeu outro encargo, a pregação do evangelho

aos gentios (os não judeus). Encargo que ele exercia com base no conteúdo fundamental do evangelho, e não na eloquência da retórica (sabedoria das palavras), tão valorizada pelos coríntios. A vida, morte e ressurreição de Cristo constituem o núcleo básico (o conteúdo fundamental) da proclamação do evangelho, e nisso Paulo desejava que os coríntios concentrassem toda a atenção.

Além do uso da retórica, os destinatários supervalorizavam alguns missionários. Isso causava sério problema de divisões dentro da comunidade. A formação de grupos e a antipatia entre eles impediam a unidade da comunidade.

Com a expressão “vós sois de Cristo”, o apóstolo condena o partidário dentro da Igreja. Pelo batismo, os cristãos se identificam com Cristo, não com o ministro que está a serviço da comunidade. Já que a Igreja é o corpo de Cristo, não deve estar dividida sob nenhum pretexto.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Enfatizar a união dos membros da Igreja. A unidade na Igreja não pode ser entendida como simples união de pessoas afins ou com os mesmos ideais, como se fossem membros de um sindicato ou partido político. É algo mais profundo. É uma união misteriosa; em palavras teológicas, é uma união mística. Mas não metafórica, e sim vital e real, que supera todas as realidades que causam a divisão. Cada membro é distinto dos demais e os carismas são diversos, mas isso não significa divisão, e sim que Deus respeita a identidade de cada ser humano. A união entre os diversos membros da Igreja é como o feixe de luz, cuja diversidade não é notada a olho nu, mas no prisma ou no arco-íris é visto em cores variadas. A união na Igreja deve-se ao Espírito Santo presente



como vínculo que une e vivifica cada membro em função da edificação do Reino de Deus. Se há divisão entre os membros da Igreja, isso significa que as trevas do pecado estão tomando o espaço destinado à luz. A unidade na Igreja é luz que irradia para o mundo a fraternidade universal instaurada por Cristo.

APRESENTAÇÃO DO SENHOR

2 de fevereiro

Glória de Israel e luz das nações

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia de hoje é o ponto culminante do natal do Senhor, porque indica o modo como se deu a encarnação do Filho de Deus e a que ela se destina. Cristo assumiu todos os condicionamentos da humanidade, até mesmo se submeteu à lei de Moisés, pela qual era regido o povo ao qual pertenceu. Além do contexto histórico, geográfico e econômico, o evangelho mostra que a vida terrestre do “Filho do Altíssimo” (Lc 1,32) estava inserida em um contexto cultural e religioso particular. Também o destaque dado ao tipo de sacrifício realizado por sua família (Lv 5,6-7; 12,6) manifesta que ele não somente assumiu nossa humanidade, mas se fez pobre entre os pobres.

A festa da Apresentação do Senhor é bem antiga, e já houve tempo em que era celebrada em 14 de fevereiro, quarenta dias após a festa da Epifania (manifestação aos magos). Também já foi considerada como festa mariana, com o nome de “Purificação da Bem-aventurada Virgem Maria”. Mas, a partir das recentes reformas litúrgicas, o

nome da festa foi mudado para “Apresentação do Senhor” e ela passou a ser celebrada quarenta dias depois do Natal. O novo título e data da celebração são uma indicação mais correta da natureza e do objeto dessa festa, visto que nesse dia a Igreja celebra um aspecto importante do mistério salvífico, e não simplesmente um acontecimento da infância de Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Lc 2,22-40): Consagrado ao Senhor

Os primeiros versículos (22-24) do evangelho proclamado na liturgia de hoje tratam especificamente da manifestação (epifania) do messiado de Jesus a partir do cumprimento dos ritos de iniciação na religião da sua família, o judaísmo. Jesus e Maria, recém-nascido e parturiente, submeteram-se a tudo que a lei de Moisés indicava a respeito do nascimento de um menino primogênito (Lv 12,1-8; Ex 13,2.12-13).

Pela circuncisão (Lc 2,21), Jesus tinha sido oficialmente marcado como membro de Israel, ingressando na aliança feita com os patriarcas e com os descendentes deles desde Abraão até os escravos libertos do Egito. No momento da circuncisão, de acordo com a lei dada por Deus a Moisés, foi imposto o nome do menino: ele foi chamado Jesus, conforme o anjo havia orientado. Naquela cultura, o nome designava a identidade e a missão da pessoa. Jesus quer dizer “Deus salva”. Isso significa que Deus nunca desistiu de salvar o mundo por meio de Israel e que cumpriu essa promessa mediante um israelita fiel, Jesus de Nazaré. Ao se tornar oficialmente membro do povo da aliança, Jesus realizou em sua vida, morte e res-



surreição a vocação que Abraão e seus descendentes haviam recebido.

Pelo rito de iniciação à religião judaica, ou seja, de pertença à antiga aliança, Jesus não somente deveria ser circuncidado, mas também resgatado. O primeiro rito remetia aos patriarcas e o segundo, à libertação do Egito. O ritual do resgate estava vinculado à Páscoa, quando os primogênitos dos hebreus tiveram a vida poupada e se tornaram consagrados a Deus (Ex 13,11-15; Nm 18,15-16). O resgate significava que o primogênito era trocado por uma quantia em dinheiro e, a partir de então, podia deixar o santuário e voltar ao convívio familiar.

Propositalmente, Lucas não menciona o resgate de Jesus, que, à semelhança dos levitas (Nm 3,45), continuará sempre pertencendo a Deus. Em vez do resgate do primogênito, Lucas narra a apresentação de Jesus, evocando a entrada do Senhor no santuário para realizar uma grande purificação (Ml 3,1-4). Ao dizer que o menino foi purificado, o evangelho está afirmando que Israel inteiro foi igualmente purificado por meio dele.

Aqui cabe um esclarecimento sobre o significado de purificação. Esse termo nem sempre denota algo negativo; nesse trecho do evangelho, a impureza não é moral, mas ritual (Lv 12,2-4) e significa apenas que, após aqueles ritos, as pessoas eram reinseridas na esfera da vida comunitária, de forma análoga a uma âmbula que, após ser purificada, deixa o sacrário e pode ser mantida junto com outros objetos.

A segunda parte do evangelho de hoje (vv. 25-40) fala sobre o reconhecimento do Cristo pelos representantes dos piedosos que esperavam a vinda do Messias, ou seja, a consolação de Israel, a qual, conforme Is 40,1, é sinônimo da salvação que vem de Deus. Os “pobres de Javé” reconhecem o Messias libertador naquele frágil recém-nascido.

Primeiramente, aparece Simeão. Seu hino de louvor é também um discurso de despedida, como acontece no livro do Deuteronômio, que fecha o Pentateuco (*Torah*) com longa despedi-

Teologia do processo Uma formação básica

C. Robert Mesle



O autor apresenta uma forma de pensar em Deus e em nosso mundo, que explora questões profundas sem se afastar do senso comum. O resultado é uma cartilha básica sobre os fundamentos da Teologia do processo, pela qual muitos aguardam há tempo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





da de Moisés. O velho Simeão reconhece que a esperança de Israel converge para aquele menino, o qual realizará a libertação de Jerusalém, a cidade santa, que no Antigo Testamento representa todos os escolhidos de Deus. Além disso, o menino é uma luz que parte de Israel para as nações pagãs e será um sinal de contradição, pois diante dele todos terão de tomar uma decisão. Nesse sentido, ele será soerguimento para alguns e queda para outros, pois diante dele se revelarão as intenções dos corações.

Em seguida, Ana é mencionada. O nome dela significa “graça”, “favor”. Ao fazer referência à família de Ana como pertencente ao clã de Fanuel, Lucas alude a uma experiência mística do patriarca Jacó e a todos aqueles que sempre desejaram ver Deus face a face (Gn 32,30). Também a menção à tribo de Ana é algo bastante significativo porque, no antigo Israel, a tribo de Aser ficava ao norte (Js 17,10); isso mostra que Ana era uma profetisa da Galileia e, portanto, seria considerada pelos legalistas de Jerusalém como suspeita de heresia. No entanto, é ela, e não os líderes religiosos da época, quem reconhece Jesus como Messias.

2. I leitura (Mt 3,1-4): Para purificar o seu povo

O dia do SENHOR, mencionado várias vezes no Antigo Testamento, geralmente é considerado como uma visitação ou vinda; como uma intervenção divina quase sempre iminente. O texto do profeta Malaquias afirma que o SENHOR virá ao templo de Jerusalém como um fogo purificador.

A imagem do fogo não tem por objetivo causar medo, mas é simplesmente uma metáfora tirada da vida cotidiana. Alguns aspectos do processo de refinação de metais são simbolicamente empregados várias vezes pela Escritura para discorrer sobre a purificação do pecado e como prova de fidelidade a Deus.

A prata era obtida pelo processo de fusão. Sob alta temperatura, as substâncias

agregadas à superfície do metal se transformavam em pó, o qual era repellido por uma rajada de ar. Nas diversas referências bíblicas, a refinação do metal é usada simbolicamente para ilustrar o tipo de provação à qual os seres humanos são submetidos. Em momentos difíceis da história é que se pode constatar quem de fato é ou não fiel a Deus. Aqueles que permanecem fiéis, firmes na fé, experimentarão a libertação definitiva, mesmo que eventualmente suportem algumas circunstâncias difíceis.

3. II leitura (Hb 2,14-18): Em solidariedade com cada ser humano

O tema central da carta aos Hebreus é o sumo sacerdócio de Cristo (8,1). Sacerdote significa mediador, ou seja, alguém por meio do qual se efetiva a relação entre Deus e a humanidade, entre Criador e criatura. A mediação realizada por Jesus Cristo somente é possível porque ele é totalmente divino e totalmente humano, ou seja, faz parte da esfera do Criador (é Filho) e da criatura (é homem).

Na relação de Cristo com Deus, temos o aspecto da autoridade, pois foi glorificado à direita do Pai. Já na relação com a humanidade, temos o da misericórdia, visto que, por experiência própria, participou de nossa fraqueza, sendo em tudo semelhante a nós, exceto no pecado (Hb 4,15).

Cristo é sumo sacerdote tanto por sua intimidade com o Pai quanto por sua solidariedade com a humanidade. Ambas as relações foram levadas ao extremo. A credibilidade e a solidariedade de Cristo fazem dele o fundamento da nossa fé. O ser humano pode lançar toda a sua existência sobre esse fundamento, por duas razões: porque Cristo é o Filho de Deus constituído em dignidade; porque amou a humanidade a ponto de morrer na cruz para libertá-la do poder da morte e associá-la à oferta de sua própria vida ao Pai.



III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Cristo é semelhante a nós e tornou-se solidário conosco, participando de nossas fraquezas, exceto do pecado; da mesma forma, estamos unidos a ele, sendo associados à sua oferta ao Pai. A apresentação/consagração do menino Jesus no templo é também a nossa consagração a Deus, por causa da nossa união com o Filho humanado.

A morte significa separação. Mas, como estamos unidos a Cristo e ele está junto do Pai, nada poderá nos separar de Deus; portanto, estamos livres do poder da morte.

Por tudo que foi mostrado pelas leituras de hoje, o presidente da celebração deve enfatizar a centralidade do mistério da salvação, evitando separar a infância de Jesus do restante de sua vida, principalmente do momento da cruz, ressurreição e ascensão.

Para enfocar a totalidade do mistério salvífico, pode haver, durante a celebração, o acendimento de velas no círio pascal ou uma procissão com velas, destacando a unidade entre a Apresentação de Jesus e a Páscoa, quando de fato o Cristo se tornou “luz para as nações”.

5º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de fevereiro

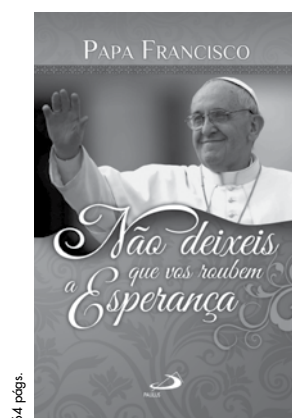
Vós sois o sal da terra

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Antigo Testamento apresenta as ações éticas em favor dos necessitados como portadoras de luz. “Se saciares os pobres, tua luz brilhará nas trevas” (Is 58,10). Segundo o evangelho, os discípulos, à medida que souberem apropriar-se do espírito das bem-aventuranças, adquirirão aquela sabedoria sobrenatural que os torna sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14). As ações dos discípulos farão brilhar a luz de Deus, e não sua própria luz:

Não deixeis que vos roubem a esperança

Papa Francisco



Esta obra tem a finalidade de tornar conhecidos os discursos do Papa Francisco durante as Audiências gerais, Solenidade de Pentecostes e Domingos de Páscoa, realizadas na Praça de São Pedro, em Roma, entre os meses de março e maio de 2013.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





“que, vendo vossas boas ações, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus” (Mt 5,16b). Modelo esplêndido de discípulo de Cristo, sal e luz do mundo, é o apóstolo Paulo. A eficácia de seu apostolado não está na “sublimidade de palavras ou de sabedoria” (1Cor 2,1), mas na vida totalmente inspirada no evangelho e configurada a Cristo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 5,13-16): Vendo vossas boas obras, glorificarão a Deus

Terminado o discurso das bem-aventuranças, Jesus se refere ao papel de seus discípulos no mundo: ser sal e luz. Mas, para que isso seja possível, é necessário serem realmente pobres em espírito, mansos, misericordiosos, puros, pacíficos e alegres, apesar das perseguições.

Os cristãos são chamados a transformar o mundo insípido (sem sal), insensato (sem a sabedoria divina) e sombrio (sem a luz de Deus) em Reino de Deus, no qual esses valores têm a primazia. Contudo, há o reverso da medalha: se os cristãos não tiverem o espírito do evangelho, não servirão para a edificação do Reino.

Tendo a própria vida configurada à vida de Cristo, cada ação praticada no seguimento de Jesus se tornará como que um candelabro a iluminar “todos os que estão em casa”. Será como uma “cidade no alto do monte”, vista por todos os peregrinos cansados e atraíndo-os para o conforto de uma hospedagem.

Quem segue o Cristo com autenticidade se torna portador de sua luz, pois deixa transparecer na própria conduta sua vida e sua mensagem e atrai todos para Deus.

2. I leitura (Is 58,7-10): Teus atos de justiça irão à tua frente

Esse texto de Isaías trata do que agrada e desagrade a Deus. Especificamente, a vontade de Deus é que o amemos acima de todas as coisas e amemos o próximo como a nós mesmos. Esse é o resumo da Escritura. Os judeus já sabiam disso (Lc 10,25-28).

O pecado consiste basicamente em não fazer a vontade de Deus resumida nesse princípio. Para reatar a amizade com Deus, o judeu oferecia sacrifícios, e, por meio da substituição da vida do ofertante pela vida do animal (a oferta), era mostrado de forma ritual o desejo do ser humano de entregar sua vida nas mãos de Deus.

Estando longe de Jerusalém, impossibilitados de ir ao templo, os judeus substituíam o ritual do sacrifício pelo jejum. O jejum e os demais ritos penitenciais eram sinais de sincero arrependimento e expressão de mudança radical de conduta (Jn 3,8).

Contudo, esse texto de Isaías, dirigido aos judeus dispersos pelo mundo, reclama da prática do jejum quando outras pessoas estão sem roupa, enfermas, sem alimento, injustiçadas. A verdadeira ação que agrada a Deus não se limita a rituais, sejam quais forem; ao contrário, é necessário voltar-se para o “outro”. Só assim a glória de Deus resplandecerá no mundo.

3. II leitura (1Cor 2,1-5): O anúncio pelo testemunho

Paulo é o modelo de discípulo que, por meio do evangelho, se torna “sal e luz” no mundo. E o mundo que ele evangeliza – aqui especificamente a cidade de Corinto – é um ambiente onde os homens brilham por sua sabedoria e eloquência. No entanto, o projeto de Deus difere do projeto meramente humano, pois a sabedoria divina se revela nos que se deixam conduzir por ele, como é o caso de Paulo. Como ministro do evangelho, Paulo tem como base de sua pregação unicamente a força do Espírito, que o conduz segundo o plano divino. Plano esse revelado na “loucura da cruz de



Cristo”, no qual apresenta o caminho de acesso a Deus. Esse caminho não é o do poder, do prestígio ou da sabedoria humana, o qual leva o ser humano a se gloriar de si mesmo. Mas é um caminho inovador, totalmente diferente daquele proposto pelo mundo. Um caminho de oferta total de si às mãos daquele que é fonte de vida: o Pai. Por isso, Paulo não necessita recorrer à sabedoria humana. Sua vida entregue a Cristo testemunha esse poder e essa sabedoria de Deus, fonte de salvação para os que creem.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ser “sal da terra” é testemunhar no mundo a vida em Cristo por uma conduta reta, baseada no amor a Deus e ao próximo. Os rituais que realizamos devem constituir uma expressão dessa vida unida a Deus, testemunhada na prática dos valores do Reino. Nisto consiste a missão do cristão: temperar o mundo com o “sal” do Reino de Deus, para que os seres humanos saboreiem as coisas do alto e, com isso, busquem em Deus o alimento para a vida eterna. Sem isso, os ritos são vazios.

6º DOMINGO DO TEMPO COMUM

16 de fevereiro

Felizes os que andam na lei do Senhor

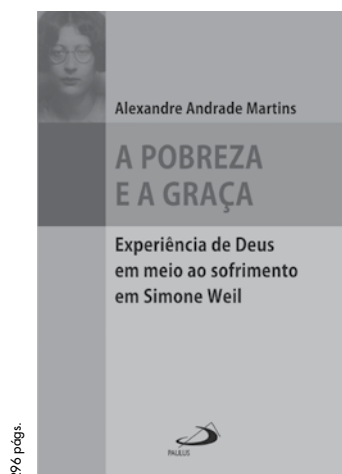
I. INTRODUÇÃO GERAL

A fidelidade à lei de Deus – melhor dizendo, à Torá ou instrução do Senhor – é um dos temas centrais do Antigo Testamento. O amor e a fidelidade à lei de Deus constituíam toda a justiça e santidade do povo de Israel.

A pobreza e a graça

Experiência de Deus em meio ao sofrimento de Simone Weil

Alexandre Andrade Martins



Este livro versa sobre como o sofrimento (descrito como *malheur*) e a graça estão presentes na vida e no pensamento de Simone Weil, apresentando uma reflexão antropológica sobre a experiência da graça em meio ao sofrimento, na qual a busca pela verdade leva à experiência mística.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





A lei de Deus é boa e santa (Rm 7,12). Por isso, a lei não foi abolida por Jesus, mas sim plenificada (Mt 5,17). Plenificar significa que não basta cumprir a materialidade do mandamento, mas se perguntar pela intenção de Deus ao instituí-lo. Não é suficiente uma fidelidade externa, mas faz-se necessária uma fidelidade mais profunda, que empenhe mente e coração. Não basta somente uma conduta que todos possam ver, mas se requer reta intenção, que brote do mais profundo do coração e da mente, vista somente por Deus. Tal atitude é possível quando se é capaz de deixar-se penetrar pela sabedoria do evangelho, “misteriosa e oculta” (1Cor 2,7), sabedoria da cruz de Cristo. Isso é andar na lei do Senhor. Os atos meramente externos constituem um legalismo severamente criticado por Jesus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 5,17-37): Eu não vim abolir, mas cumprir a lei

Jesus continua o discurso do monte, afirmando que, se o modo de agir, ou seja, se a justiça dos discípulos não for mais exigente que a dos escribas e dos fariseus, eles não participarão da construção do Reino de Deus. É isto que mostra o evangelho na liturgia de hoje: o cristianismo é muito mais exigente que o judaísmo.

Com o termo “ouvistes” se quer contrapor o ensinamento de Jesus ao ensinamento dos escribas e fariseus. Isso não significa, como muitos pensam, uma substituição do Antigo pelo Novo Testamento. Não se trata do que foi “escrito”, mas do que foi “ouvido” como homilia feita pelos doutores da lei, os mestres do judaísmo. Trata-se da interpretação de Jesus contra a interpretação dos escribas e fariseus a respeito da Sagrada Escritura.

A novidade da interpretação que Jesus faz da Escritura está na explicitação da intenção de Deus ao dar os mandamentos. Não basta, por exemplo, não matar. Devem-se evitar as palavras de desamor, de desprezo, de ressentimento contra o próximo. Era essa a intenção de Deus ao dar o mandamento “não matarás”.

“Deixa tua oferta diante do altar” (v. 24). No dia da expiação (ou do perdão, cf. Lv 16), os judeus confessam os pecados cometidos contra Deus e pedem perdão durante 24 horas. Mas acreditam que os pecados contra o “próximo” devem ser perdoados por quem sofreu a ofensa, e não por Deus; por isso, primeiramente pedem perdão ao próximo, para depois se dirigirem a Deus. Jesus faz uma mudança em relação ao judaísmo, afirmando que não somente num dia especial, mas todos os dias, os cristãos devem pedir perdão ao seu próximo para depois dirigir-se a Deus.

A compreensão dos escribas a respeito do adultério era diferente no caso da culpa da mulher e da culpa do homem. Entendiam que a mulher cometia adultério até mesmo sozinha, no coração, quando era casada e desejava outro homem. Cometia adultério quando observava um homem para vê-lo passar ou quando se exibía para ser notada por ele. Se fosse flagrada numa dessas atitudes, poderia ser apedrejada sozinha, porque seu adultério não dependia do consentimento de um homem. Jesus põe homem e mulher em pé de igualdade. Seja homem seja mulher, cada um comete adultério no coração. A intenção de Jesus é preservar a família e o matrimônio, e não lançar um fardo pesado demais sobre nossos ombros.

Quanto ao juramento, muitas vezes os judeus juravam sem pensar e se obrigavam a agir mesmo se descobrissem ser a vontade de Deus diferente do que foi prometido por juramento. Mesmo assim, algumas pessoas preferiam fazer algo que desagradava a Deus a descumprir um juramento, pois amaldiçoavam a si mesmas quando juravam (cf. 1Rs 19,1-2). Por isso, Jesus exorta a não jurar.



2. I leitura (Eclo 15,16-21): Fidelidade é fazer a vontade de Deus

Esse texto da primeira leitura destaca a liberdade de escolha, o livre-arbítrio do ser humano diante da vontade de Deus. O autor bíblico acentua a responsabilidade da pessoa quando ela decide se rebelar contra Deus.

Quem obedece à vontade de Deus, expressa principalmente na Escritura, tem qualidade de vida. Se todas as pessoas cumprissem os mandamentos de não roubar e não matar, entendidos em sentido amplo, incluindo injustiças e ofensas, a sociedade de hoje seria menos violenta.

Por isso, afirma o texto bíblico que a vida e a morte estão diante do ser humano, para que ele escolha o que deseja. A vontade de Deus gera vida em plenitude, o pecado gera morte. Tanto a vida quanto a morte, entendidas nesse sentido, são consequências das escolhas humanas.

O ser humano é livre e, por conseguinte, responsável pelas próprias ações. O mal que faz ao próximo não é culpa de Deus, pois “a ninguém Deus ordenou que fizesse o mal, a ninguém Deus deu licença de pecar” (v. 21). Deus nos deu o livre-arbítrio e a capacidade de fazer as escolhas certas.

3. II leitura (1Cor 2,6-10): Uma sabedoria que não é deste mundo

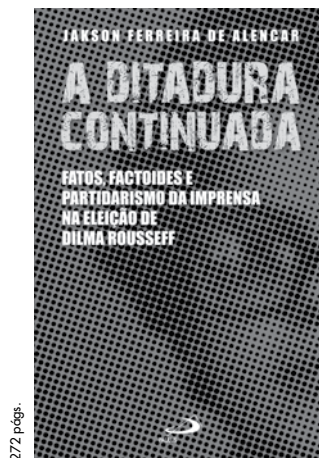
Paulo ensina os fiéis de Corinto a cultivar a sabedoria “misteriosa e oculta” revelada por Deus, que ultrapassa a sabedoria do mundo e dos poderosos.

A sabedoria de que Paulo fala é a cruz, na qual Cristo revela o Deus despojado. Na fragilidade de sua vida humana e totalmente ofertada ao Pai como dom de amor, Jesus desvenda aquilo que Deus “preparou desde toda a eternidade” para os seres humanos: o amor ao extremo. É, pois, na adesão à vida de Cristo que con-

A ditadura continuada

**Fatos, factoides e partidarismo
da imprensa na eleição
de Dilma Rousseff**

Jakson de Alencar



A obra relembra o apoio da mídia ao golpe militar, os laços da imprensa com o autoritarismo quando Dilma Rousseff concorreu à presidência do país. Destaca blogs que enfraqueceram a forma autoritária de cobertura da eleição.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





siste a sabedoria divina, não reconhecida pelos poderosos, porque foge da lógica deste mundo. Somente aquele que se despoja da própria vida será capaz de reconhecer a sabedoria de Deus, que é Jesus Cristo crucificado.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Durante muito tempo se entendeu que fazer a vontade de Deus significava cumprir apenas seus mandamentos de forma rigorosa. No entanto, essa concepção levou muitos a cair num legalismo exacerbado, o que gerou uma moral escravizadora. Ainda hoje muita gente sofre por causa de certos julgamentos pautados numa visão legalista da Escritura. Mas a proposta de Jesus sempre foi outra. Isso não significa um relaxamento na conduta do ser humano; ao contrário, a proposta de Jesus é exigente, porque mira o interior da pessoa, no qual foi escrita a vontade de Deus. Deus não quer seus filhos escravos, mas livres. E somente no exercício da liberdade o ser humano poderá ser verdadeiramente fiel aos mandamentos divinos.

7º DOMINGO DO TEMPO COMUM
23 de fevereiro

Sede santos porque o Senhor, vosso deus, é santo

I. INTRODUÇÃO GERAL

A primeira leitura destaca o mandamento “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,17-18). Para Israel, somente é possível amar a Deus se há amor ao próximo. Mas, ao longo da história, houve a tendência de interpretar esse mandamento em sentido restrito,

reservando a prática do amor apenas para o compatriota. O evangelho afirma que Jesus interpretou o preceito do amor ao próximo em dimensões universais. Por motivo algum é lícito odiar o outro, filho do mesmo Pai celeste e alvo do mesmo amor paterno (Mt 5,45). O mundo julga ser loucura retribuir o ódio com o amor, o mal com o bem, as ofensas com o perdão. Mas, na segunda leitura, Paulo ensina que os cristãos não devem se preocupar quando o mundo os julga loucos, afinal “a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (1Cor 3,19).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. Evangelho (Mt 5,38-48): Amai os vossos inimigos

“Olho por olho, dente por dente” (Mt 5,38; Ex 21,24) é uma antiga lei, anterior à existência do povo de Israel. Era uma lei de natureza social e não individual. Tinha por objetivo limitar os excessos de vingança de uma tribo contra outra. Israel também aderiu a esse preceito, mas o abrandou bastante com a exigência do perdão (Lv 19,17-18).

No evangelho, Jesus pede a seus seguidores que não resistam a ninguém que lhes cause algum prejuízo. Ou seja, Jesus proíbe aos cristãos resistir ao mal com a vingança. O papel dos cristãos é o combate do mal no mundo mediante a não violência, como fez Jesus na cruz.

“Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás teu inimigo” (Mt 5,43). Passagem alguma da Escritura ordena odiar os inimigos. Essa orientação teve origem em um grupo judeu contemporâneo de Jesus. Em um livro intitulado *Regra da comunidade*, encontrado no século passado nas grutas próximas ao mar Morto, os judeus pertencentes ao grupo dos essênios dão esta orientação de ódio



aos inimigos: “Ame o que Deus escolheu e odeie o que Deus rejeitou”.

Jesus enfrenta e condena essa postura de seus contemporâneos. Os cristãos devem amar amigos e inimigos sem exceção, pois uns e outros são filhos de Deus, todos são irmãos, todos são próximos.

A aceitação ou a recusa dessa ordem de Jesus são o critério para uma pessoa ser ou não reconhecida por Deus como filha (Mt 5,44-45). Pois, da mesma forma que o filho reflete a fisionomia dos pais, os cristãos devem, nas relações com seus semelhantes, refletir o amor de Deus para com todos os seres humanos.

2. I leitura (Lv 19,1-2.17-18): Amarás o teu próximo como a ti mesmo

A santidade é o principal atributo do Deus de Israel. Em primeiro lugar, porque ele é separado, ou seja, não se confunde com a criatura. Nas civilizações vizinhas de Israel, as religiões politeístas confundiam a divindade com vários seres da natureza ou com imagens. Em Israel, ao contrário, um só era reconhecido como Deus criador, os demais eram apenas criaturas. É nesse sentido que Deus é separado (Santo): o Criador não pode ser confundido com a criatura.

A santidade de Deus era comunicada a todos os que se aproximavam dele ou a tudo que lhe era consagrado: pessoas, animais, objetos. Tudo o que pertencia a Deus era separado dos demais para simbolizar a unicidade do Criador.

Nesse sentido é que o povo de Israel deveria ser separado ou diferente dos demais povos. Por isso, Israel não deve odiar, mas praticar a exortação comunitária para o crescimento pessoal; não se vingará nem terá rancor, mas amará o próximo. Agindo assim, Israel participava da santidade de Deus e se tornava diferente dos povos vizinhos, que praticavam ações contrárias a esse

preceito. Isso significa a existência de uma ética inerente ao monoteísmo que não era encontrada em religiões politeístas, em cujos mitos as divindades praticavam e ensinavam o ódio e o egoísmo.

3. II leitura (1Cor 3,16-23): Vós sois de Cristo

Paulo ensina aos cristãos de Corinto que o único fundamento de sua fé é o Cristo, e não os sábios deste mundo, sejam eles cristãos ou não, pois o que é sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus.

Os cristãos são de Cristo, como Cristo é de Deus. Eles não pertencem ao mundo e, por isso, não devem reger a vida segundo os valores do mundo. Pertencendo a Cristo, os cristãos são templos do Espírito de Deus, como Cristo é o Templo de Deus por excelência, lugar do encontro definitivo entre a humanidade e o Criador. Os cristãos, por meio de sua inserção em Cristo pelo batismo, com uma vida dedicada a Deus e ao amor ao próximo, testemunham a presença de Deus no meio dos povos. Ser templo de Deus, pertencer a Cristo, significa ser mediação do amor e do perdão, ser lugar do encontro com Deus. E isso é loucura para o mundo, mas sabedoria de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

O amor a Deus se reflete no amor ao próximo. Nisso consiste a vida cristã configurada a Cristo. Uma vez que o Pai ama a cada ser humano indistintamente, a vocação cristã consiste em amar o próximo não como a si mesmo, mas como Cristo o amou. Somente pelo amor as divisões são superadas, a violência extinta, a fraternidade instaurada. E, com isso, a santidade de Deus será comunicada a todos os povos. ●



Leigos consagrados na Igreja e no mundo

Pode parecer estranho que existam, na Igreja e no mundo, leigos e leigas que se consagram a Deus com os votos de castidade, pobreza e obediência. Mas existem e fazem parte da grande Família Paulina, fundada pelo bem-aventurado Tiago Alberione.

Padre Alberione (1884-1971), “sempre atento em perscrutar os sinais dos tempos, isto é, as formas mais geniais de se chegar às almas” (Paulo VI), depois de muita oração, acolheu o convite de Pio XII, que, em 1947, com a constituição apostólica *Provida Mater Ecclesia* (Mãe solícita, a Igreja), reconhecia os Institutos Seculares.

Tendo fundado as cinco congregações da Família Paulina, padre Alberione inicia, entre 1958 e 1962, os Institutos Paulinos de vida secular consagrada, unidos à Pia Sociedade de São Paulo e, portanto, integrantes da Família Paulina. São quatro: * Instituto São Gabriel Arcanjo (Gabrielinos), * Instituto Nossa Senhora da Anunciação (Anunciatinas), * Instituto Jesus Sacerdote (sacerdotes diocesanos), * Instituto Santa Família (casais). Foram aprovados definitivamente pela Santa Sé entre 1990 e 1993.

A maior preocupação de padre Alberione sempre foi levar todos a Cristo: “A Família Paulina tem uma só espiritualidade: viver integralmente o Evangelho, seguir o Divino Mestre Caminho, Verdade e Vida; vivê-lo como Paulo o compreendeu. Viver ‘em Cristo’, santificando: a *mente*, porque ele é a Verdade; a *vontade*, porque ele é o Caminho; o *coração*, porque ele é a Vida”.

Os Institutos Paulinos compartilham a espiritualidade e o apostolado da Família Paulina, empenhando-se na missão de evangelizar a família, a comunidade e a sociedade.

A condição de membros dos Institutos é a secularidade. Quer dizer: os membros tendem à perfeição evangélica na família, no mundo, no ambiente em que vivem.

Inspiram-se no ensinamento do Concílio Vaticano II: “Os Institutos Seculares, ainda que não sejam religiosos, comportam verdadeira e completa profissão dos conselhos evangélicos, reconhecida pela Igreja. Profissão que confere a consagração de homens e mulheres, leigos e também clérigos que vivem no mundo” (decreto *Perfectae Caritatis*, n. 11).

PROPOSTA PARA VOCÊ – Procura uma orientação em sua vida? Quer testemunhar o Evangelho no ambiente em que você vive? Conheça os *Institutos Paulinos de vida secular consagrada*, fundados pelo bem-aventurado Tiago Alberione (1884-1971), inspirador e pai da Família Paulina. * *Anunciatinas* (para mulheres); * *Gabrielinos* (para homens); * *Santa Família* (para casais); * *Jesus Sacerdote* (para sacerdotes e bispos diocesanos).

Informações: Delegado dos Institutos Paulinos – Via Raposo Tavares, km 18,5 – CEP 05576-200 – São Paulo-SP – institutospaulinos@paulinos.org.br

Visite o nosso site: <http://www.paulinos.org.br/novo/institutos.html>

Oração, amizade e encontros constroem o ambiente perfeito para a experiência alegre da fé!

Em sintonia com os demais livros da área publicados pela PAULUS, a presente coleção segue as novas diretrizes da CNBB para a catequese e insere-se em uma caminhada renovadora, unindo a leveza da alegria à profundidade da fé, a espiritualidade ao compromisso cristão. Os catequistas se servem dos textos narrativos, poesias, músicas e desenhos das atividades propostas nos encontros para construir um ambiente que leve as crianças ao encontro maior com Jesus na Eucaristia. Mergulhe neste exercício de harmonia espiritual com este novo e completo material, elaborado com muito carinho para vocês, catequistas e catequizandos!



Creio na Alegria (Vol. 1)
Livro do Catequista
Sandra Regina de Sousa
e Tania Ferreira Pulier



Creio na Alegria (Vol. 2)
Livro do Catequista
Sandra Regina de Sousa
e Tania Ferreira Pulier



Creio na Alegria (Vol. 1)
Livro do Catequizando
Sandra Regina de Sousa
e Tania Ferreira Pulier



Creio na Alegria (Vol. 2)
Livro do Catequizando
Sandra Regina de Sousa
e Tania Ferreira Pulier



PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Cantar é dialogar com Deus *em oração!*



O livro de cantos destina-se principalmente às celebrações da Eucaristia e da Palavra, mas é válido também em encontros e Adorações ao Santíssimo Sacramento. São mais de mil músicas para auxiliar o Povo de Deus a cantar a Liturgia.

272 págs.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

VENDAS: Tel.: (11) 3789-4000 — 0800-164011 — vendas@paulus.com.br

SAC: Tel.: (11) 5087-3625 — sac@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br

